VIOLA
DE
LERENO:

COLLECÇÃO
DAS SUAS CANTIGAS,

OFFERECIDAS
AOS SEUS AMIGOS.

VOLUME I.

LISBOA:
NA OFFICINA NUNESIANA.
Anno 1798.

Com licença da Meza do Desembargo do Passo.

NO DIA DE FESTEJAR-SE O NOME

DA

SENHORA

CONDEÇA DE POMBEIRO.

CANTIGAS.

AMIRA formosa,
Escuta os louvores,
Que os simples Pastores
Vem hoje entôar:
O teu Nome illustre,
Subindo ás Estrellas,
Nos Bosques de Bellas
Já vai resôar:

Offren-

Offrendas singelas
Das suas campinas,
Cheirosas boninas
Te vem offertar:
E o Pomo, que pende
Para ti nascido,
Para ti colhido
Te vem entregar

O Pomo da China,
Que cresce em teus campos,
C'os figos que lampos
Eu ouço chamar:
Os Limões pontudos,
Esfericas Limas,
C'o as nozes qu'estimas
Te dão a gostar.

Em

Em honra a teu Nome
Contentes trabalhão,
N'um louro o entalhão
Por vê-lo durar:
Em honra a teus Filhos
Seis plantas creárão,
E a outras preparão
Bastante lugar.

Teu Nome tem feito
Que do canto gostem,
Tu fazes que apostem
Teu Nome cantar:
No rude Psalteiro,
Na harmonica Lyra
O Nome de Amira
Se ouve resoar.

Assim

Assim tua vida
Durar sempre possa,
Que he vida q'adoça
O nosso pezar:
Seremos alegres,
Não digo mentira,
O tempo em q'Amira
Bellas animar.

Moda de Tirce.

CANTIGAS.

VÊ, Lereno desgraçado,
O teu destino cruel;
Amar, e morrer de amores,
Por quem te não he fiel.

Vem

Vem os terriveis ciumes
Rodear-te de tropel,
Has de contínuo soffrellos
Por quem te não he fiel.

Dos Amantes desgraçados
Vê o terrivel painel,
Tanto tens que supportar
Por quem te não he fiel.

Verás as doces promessas
Converter-se amargo fel,
Desvanecer-se a esperança
Por quem te não he fiel.

A mão treme de assustada,
Cahe dos dedos o pincel,
Não pinto o que has de passar
Por quem te não he fiel.

Nun-

Nunca belleza, e constancia
Guardárão proprio nivel;
Soffre por Lilia, mas soffre
Por quem te não he fiel.

Embora seja enganado
O nescio amante novel,
Q'o tempo te desengana
Por quem te não fiel.

Mas Amor tem arte, e geito
D'espalhar seu doce mel,
E te faz ser doce a morte
Por quem te não he fiel.

Teu

RPJCB

Teu juramento.

CANTIGAS.

NAs leves azas
Do vario vento
Vôou, perdeo-se
Teu juramento:

Oh que tormento!
Lilia me jura,
E não conhece
Amor, ternura.

Chamas os Numes
Do Ethereo assento,
E he seu opprobrio
Teu juramento:

Oh, &c.

Ao

Ao teu perjurio
Cupido attento,
Punir promette
Teu juramento:

Oh, &c.

Lá onde o Léthes
Vai somnolento
Chegou voando
Teu juramento:

Oh, &c.

Nas frias agoas
Do esquecimento
Vai mergulhar-se
Teu juramento:

Oh, &c.

D'amor não tinhas
Conhecimento
Nem sahio d'alma
Teu juramento:

Oh, &c. Le-

Lereno triste
No seu lamento
Chora baldado
Teu juramento:

Oh, &c.

Bem fica.

CANTIGAS.

ADeos bellas Nymfas,
Gentil Sociedade,
O mal da Saudade
Começo a chorar,

Ai! que o meu pezar
Assim não se explica;
Vai mal o que vai,
Bem fica, quem fica.

A Deos, ó Campinas;
A Deos, arvoredos,
Que d'alma os segredos
Me ouvisteis contar:

Ai!, &c.

O Fado me aparta
Dos olhos, que adoro;
Dizei-lhe o que eu choro
De assim me ausentar:

Ai!, &c.

Meu Coração triste,
Partido em pedassos,
Só póde os seus passos
Assim vigiar:

Ai!, &c.

Mas levo em minha alma
Da ausencia os temores,
E invejo os Pastores,
Que podem ficar:

Ai!. &c. Amor

Amor por vingar-se
Do livre Lereno
D'ausencia o veneno
Assim faz provar:

Ai!, &c.

Recado.

ORa a Deos, Senhora Ulina;
Diga-me, como passou;
Conte-me, teve saudades?
Não, não;
Nem de mim mais se lembrou:

O amor antigo
Já lhe passou,
E a fé jurada?
Tudo gorou.

Di-

Diga, passou bem no Campo?
Divertio-se! passeou!
Acaso lhe fiz eu falta?
Não, não,

Nem, &c. ... O amor, &c.

Era bom o seu Burrinho,
Ou sómente a pé andou?
Lembrou quem lhe dava o braço?
Não, não,

Nem, &c.... O amor, &c.

Houve muita Contradança?
E com quem contradançou?
Lembrou-lhe este seu parceiro?
Não, não,

Nem, &c.... O amor, &c.

Cantou algumas Modinhas?
E que Modinhas cantou?
Lembrou-lhe alguma das minhas?
Não, não,

Nem, &c.... O amor, &c.

Ha de dizer, que eu lembrava,
E que por mim suspirou;
Não ha tal: bem a conheço:
Não, não,

Nem, &c.... O amor, &c.

A dôr do meu Coração.

MODA.

DIsfarço no alegre rosto
Minha interior afflicção;
Porque os outros não conheção
A dôr do meu Coração:

Tenho ensinado a meus olhos
Dos segredos a lição;
Sabem dizer em segredo
A dôr do meu Coração:

Apparecem nos meus olhos
Dezejos, que vem e vão;
Comsigo levão, e trazem
A dôr do meu Coração:

Tal

Talvez aquella, que adoro,
Que he minha consolação,
Não entenda, não conheça
A dôr do meu Coração:

Quando seus olhos não vejo,
Cresce mais minha afflição;
Seus lindos olhos consolão
A dôr do meu Coração:

Vi hum dia, hum certo dia;
Huns signaes de compaixão,
E dei por bem empregada
A dôr do meu Coração:

Quem dá o que tem.

CANTIGAS.

EU tenho que dar-te,
Alzira, meu Bem,
O meu terno Amor,
Que assim me convém:

Não sei, minha amada,
Se muito m'explico;
Mas dá mais qu'hum Rico
Quem dá o que tem.

Em

Em vez de manadas,
E largos Currais;
Serão os meus Ais
Offrendas tambem:

Não sei, &c.

Eu não te appareço
Com rico surrão;
Mas meu Coração
Maior valor tem:

Não sei, &c.

Por chuva, por calma,
De noite, e de dia,
Farei companhia
Fiel a meu Bem:

Não sei, &c.

A' doce União de Amor.

CANTIGAS.

DEstinou-me a Natureza
Para ser seu Orador;
Deo-me por primeiro thema
A doce União de Amor:

Amor dá o tom
Para a Companhia,
Sem elle se vive
Em sem-sabedoria.

Nem

Nem fôra ditoso o Mundo,
Nem tivera morador,
Quando nelle se acabasse
A doce União de Amor:

Amor, &c.

Dos desgostos desta vida
Peior fôra o dissabor,
Se acaso os não temperasse
A doce União de Amor:

Amor, &c.

Talvez maior que o das Féras
Seria o nosso furor,
Se acaso o não moderasse
A doce União de Amor:

Amor, &c.

No mesmo Reino do pranto
Hum terno, amante Cantor
Susteve as penas cantando
A doce União de Amor:

Amor, &c.

Se entro no cerrado bosque
Ouço as Aves ao redor,
Que no seu gorgeio explicão
A doce União de Amor:

Amor, &c.

Se depõem o féro monstro
O seu natural furor,
He só quando o tem domado
A doce União de Amor:

Amor, &c.

Sal-

Salta alegre ao lume d'agoa
O escamoso Nadador,
E talvez saltando explica
A doce União de Amor:

Amor, &c.

Huma planta abraça hum tronco,
Huma flor beija outra flor,
Mostra em tudo a Natureza
A doce União de Amor:

Amor, &c.

He bom tudo o que Amor dá,
Seja prazer, seja dôr,
Tem certo azedo que agrada
A doce União de Amor:

Amor, &c.

O que não ama não acha
A' Vida melhor sabor,
Que he o tempero da Vida
A doce União de Amor:

Amor, &c.

Vou morrendo de vagar.

CANTIGAS.

EU sei, cruel, que tu gostas,
Sim gostas de me matar;
Morro, e por dar-te mais gosto,
Vou morrendo de vagar:

Eu gosto morrer por ti;
Tu gostas vêr-me espirar;
Como isto he morte de gosto,
Vou morrendo de vagar:

Amor nos unio em vida,
Na morte nos quer juntar;
Eu, para vêr como morres,
Vou morrendo de vagar:

Perder a vida he perder-te;
Não tenho que me apressar;
Como te perco morrendo,
Vou morrendo de vagar:

O veneno do ciume
Já principia a lavrar;
Entre pungentes suspeitas
Vou morrendo de vagar:

Já me vai calando as veias
Teu veneno de agradar;
E gostando eu de morrer,
Vou morrendo de vagar:

Quando não vejo os teus olhos,
Sinto-me então espirar;
Sustentado d'esperanças,
Vou morrendo de vagar:

Os Ciumes, e as Saudades
Cruel morte me vem dar;
Eu vou morrendo aos pedaços,
Vou morrendo de vagar:

He feliz entre as desgraças,
Quem logo póde acabar;
Eu, por ser mais desgraçado,
Vou morrendo de vagar:

A morte, emfim, vem prender-me,
Já lhe não posso escapar;
Mas abrigado a teu Nome,
Vou morrendo de vagar:

Mi-

Minuete.

LIlia, Oh Lilia,
Tu não escutas
Sôar nas grutas
O meu clamor!

Não me appareces,
Não te éterneces,
Da minha dôr?
Lilia, oh Lilia,
Morro de amor,

Lilia, oh Lilia,
Lá d'onde assistes,
Ouve os ais tristes
Do teu Pastor:

Não

Não tardes mais,
Vem aos meus ais,
E ao meu clamor,
Lilia, oh Lilia,
Morro de amor:

Nada de dúvidas.

CANTIGAS.

DUvidou a minha Ulina,
Quiz a minha fé provar;
Inda bem, desenganou-se,
Ah não torne a duvidar:

Porque Amor quando duvida,
Principia a vacillar.

Não

Não acreditou meus Votos,
Ao depois de eu lho jurar;
Veja agora, que são puros,
Ah não torne a duvidar:

Porque, &c.

Aqui ponho a mão no fogo,
Que de amor arde no altar;
Eu repito o juramento;
Ah não torne a duvidar:

Porque, &c.

Se em tanto tempo de ausencia,
Eu pude a fé conservar;
Que mais provas quer Ulina?
Ah não torne a duvidar:

Porque, &c.

Se em meio das outras Bellas,
O seu Nome eu fiz sôar;
Não tem, de que desconfie,
Ah não torne a duvidar:

Porque, &c.

Haja paz, e confiança,
Que são delicias no amar;
Não amargure os meus dias,
Ah não torne a duvidar:

Porque, &c.

A' Madrugada.

CANTATA.

JA' surge a rubra Aurora
Por sima deste Monte,
E o limpido Horizonte
O Sol já vem dourar:

O concavo Sáveiro
Palemo põe em nado,
E o curvo anzol iscado
Já vai lançando ao Mar:

Meu alvo Cordeirinho
A esta parte salta;
Só Lilia aqui me falta,
Por Lilia vou chamar:

Ah Lilia se me negas
A tua companhia,
Que pouco importa o dia,
Que fazes malograr.

VIOLA DE LERENO.

Vol. I. *Num.* **2.**

Perdi a Alegria.

CANTIGAS.

QUando eu não amava,
Alegre vivia;
Agora, que eu amo,
Perdi a alegria:

Tudo m'entristece,
Tudo m'enfastia;
Perdi o socego,
Perdi a alegria.

Dos outros amantes
Zombando me ria;
Agora chorando
Pago a zombaria:
Tudo, &c.

A lyra tocando,
Aos mais divertia;
Choro hoje ao sóm della
De noite e de dia:
Tudo, &c.

Foi bem desejada
Minha companhia;
O meu pezar hoje
A todos desvia:
Tudo, &c.

Com meu doce canto
A tudo atrahia;
Agora já fogem:
Da minha agonia:
Tudo, &c.

Que os olhos de Lilia,
Com tal tyrannia,
Assim me tornassem,
Ninguem o diria:
Tudo, &c.

Amor quiz vingar-se,
Do que eu lhe fazia;
Armou-se de Lilia,
Que só não podia:
Tudo, &c.

Cuidei que a rázão
A Amor venceria;
Que elle era mais forte,
Eu tal não sabia;
Tudo, &c.

Não sou já Lereno,
Qual era algum dia;
Pois choro cativo
Se livre me ria:
Tudo, &c.

A huns lindos olhos.

CANTIGAS.

OLhos, que Amor anima
Com hum suave encanto
Ah! Suspendei meu pranto,
Que eu já não posso mais.

Compadecei-vos ternos
Da minha saudade
Lêde nos meus verdade
De Amor que não negais.

Olhos que Amor accende,
D'huma suave chamma,
Q'o peito que não ama
Fazeis depreça amar.

Pois me accendestes tanto
Em doce, e vivo fogo,
Ardei nesta alma eu rogo
Que a chamma ha de durar.

Ao Sóm da Lyra a chorar.

CANTIGAS... *d'improvizo.*

LEreno, o fiel Lereno,
Aqui se veio encostar,
A' sombra deste alto frêxo
Ao som da Lyra a chorar.

Amor de longe o escutava;
Equilibrado no ar;
Pareceo gostar de ouvillo
Ao, &c.

O mesmo Deos tão cruel
Se ouvio então soluçar;
Que fáz compaixão Lereno
Ao, &c.

Da sua Lilia traidora
Elle ouvio queixas formar;
Lilia, que ali o trouxera
Ao, &c.

Seu Amor, ou seu segredo,
Elle não quer arriscar;
E vem aonde o não oição
Ao, &c.

Esta rapida corrente
Vio o seu pranto parar;
Tanto espanta ouvir Lereno
Ao, &c.

O alegre canto das Aves
Em pranto se ouvio trocar;
Imitando ao que lhe ouvião
Ao, &c.

O pobre manso rebanho
Não foi a herva pastar;
Entretinha-se de ouvi-lo.
Ao, &c.

Sahirão das verdes ondas
Os bravos Peixes do Mar;
Fóra d'água o escutavão.
Ao, &c.

As Feras, as mesmas Feras,
Deixão então d'uiviar:
Procurando aquem ouvião
Ao, &c.

O pranto só de Lereno
Podia tudo trocar;
E tudo queria ouvi-lo
Ao, &c.

Zefiro mesmo calado
Não se sentio voltear:
Mudo o ouvia d'entre as flores
Ao, &c.

Só a lastimoza Echo
O tentou arremedar;
Tambem se ouvio entre as Penhas
Ao, &c.

O nome que se lhe ouvira
Ali via redobrar;
Lilia, Lilia, se repete
Ao, &c.

Então raivozo Cupido
Lhe prometeo de o vingar,
E foi procurar a ingrata
Ao, &c.

Serei triste até morrer.

CANTIGAS.

POis assim o quer meu fado,
Pois Amor assim o quer;
Não espero ser contente,
Serei triste até morrer:

Nem póde fazer Amor,
O que o destino não quer;
Se esta tristeza he destino,
Serei, &c.

Sobre as aras de Cupido
Renuncio ao meu prazer;
Protestando viver triste,
Serei, &c.

Para tornar-me contente
Só Elfina tem poder;
Se ella não quer alegrar-me,
Serei, &c.

Os olhos, que me alegravão,
Não me deixa Elfina ver;
Negada a minha alegria,
Serei, &c.

Entendo o meu coração,
Q'está no peito a bater;
E palpitando me agoira
Serei, &c.

Para me fazer alegre,
Nem amor tem já poder;
Se Elfina me quer ver triste
Serei, &c.

Gostarei de viver triste,
Pois que Elfina assim o quer;
E só por dar-lhe este gosto
Serei, &c.

OUTRAS.

Rodeou feia tristeza
Meu berço logo ao nascer,
Bafejou-me a triste vida,
Serei, &c.

Ao abrir dos froxos olhos
Vi o dia escurecer;
Foi presagio da tristeza,
Serei, &c.

Falla o coração batendo;
Bateu, que me quer dizer?
Talvêz me diz palpitando
Serei, &c.

Nasce o dia acha-me triste,
Ve-me a noite entristecer;
Tristes horas me rodeião,
Serei, &c.

Lindos olhos de Jozina,
Só vós sois o meu prazer;
Se eu vos vejo hum dia tristes,
Serei, &c.

Vem essas lagrimas tristes
Minha alegria empecer;
Senão vos tornais alegres,
Serei, &c.

Zabumba

CANTIGAS.

AMor ajustou com Marte
Vãos Mancebos alistar,
Hum lhes dá trabalho honrozo,
Outro os faz rir e zombár:

Tan, tan, tan, tan tan Zabumba
Bella vida Militar;
Defender o Rei e a Patria
E depois rir, e folgar.

Toca Marte á Generala,
Vai as Armas aprestar;
Amor tem prazeres doces,
Com que os males temperar:
Tan, &c.

Oiço o rufo dos Tambores,
Já dali toca a marchar;
Os adeozes são ápreça,
Não ha tempo de esperar:
Tan, &c.

Vai passando o Regimento
E as meninas a assenar;
Vão as armas perfiladas,
Mal se póde a furto olhar:
Tan, &c.

A mochila, que vai fôfa
Pouco leva que pezar;
Pouco pão, e pouca roupa
Mas saudades a fartar:
Tan, &c.

A Cidade que he de Lona
Vejo ápreça levantar;
Poem-se as Armas em sarilho
Vai a Tropa descançar:
Tan, &c.

Vigilantes Sentinelas
Vejo alerta passear;
Quem vem lá! Quem vai! faç'alto.
Sempre *alerta* ouço gritar
Tan, &c.

Vejo alegres Camaradas
Os baralhos apromptar;
Parão. topão, sujo cobre
A perder, ou a ganhar
Tan, &c.

Da-se hum beijo na borracha;
Lá vão brindes a virar;
E co'a publica saude
Vai tenção particular:
Tan, &c.

Vem quartilho, vai Canada
Toca em fim a emborrachar;
A cabeça bambaleia,
Ali ouço ressonar:
Tan, &c.

Corre o que vigia o Campo
Vem perigo annunciar;
Peg'ás armas, peg'ás armas,
Dobra a Marcha, e avançar:
Tan, &c.

Huma brigada em columnas
Marcha a outra a obliquar,
Os contrarios fazem cara,
Toca a morrer, e a matar:
Tan, &c.

Já fuzila a Artilharia
Sinto as ballas sibillar;
Nuvens já d'espesso fumo
Vão a luz do Sol turbar:
Tan, &c.

Oiço o bum, bum bum das Peças,
Vejo Espadas lampejar;
Lá vão pernas, lá vão braços,
Lá cabeças pelo ar:
Tan, &c.

A batalha está ganhada
Vão o Campo saquear;
Vem bandeiras arrastando
Toca em fim a retirar:

Tan, &c.

Venha a nós, viva quem vence
Quem morreu deixalo estar;
E da Patria no regaço
Os Heroes vem descançar

Tan, &c.

Os que salvão da peleija
Vem a Amor as graças dar;
E em signal da sua gloria
Juntão flores ao Cocar:

Tan, &c.

Os olhos, que virão tristes
Vem agora consolar;
A saudade se esvoáça,
Torna a pósse ao seu lugar:

Tan, &c.

Vem familia, vem Vizinhos
Boa vinda festejar;
E da bocca gloriosa
Grandes couzas escutar:
Tan, &c.

Déspe a veste, mostra o peito;
Quer sizuras procurar;
Mas o tempo sarou tudo,
Nem signal se pode achar:
Tan, &c.

Que affrontou sempre os perigos
Gentil Dama ha de escutar;
S'estimou guardar a vida,
He só para lha entregar:
Tan, &c.

Hum merecimento novo
Tem de novo a apresentar;
Vem mais rico de esperanças,
Tem despachos que esperar:
Tan, &c.

Hade ter a fita verde
De huma Ordem Militar;
Soldo em dôbro por trez mezes
Que a Senhora hade gastar:
Tan, &c.

Não creais Meninas nestes,
Não he certo o seu amar;
Costumados sempre á marcha
Até amão a marchar:
Tan, &c.

O Nome do teu Pastor.

CANTIGAS.

NO tronco de hum verde Loiro
Me manda escrever Amor,
Misturado com teu nome,
O nome do teu Pastor:

Mil abelhas curiosas,
Revoando deredor,
Chupão teu nome, deixando
O nome, &c.

De hum raminho pendurado,
Novo emplumado Cantor,
Suspirava ali defronte
Do nome, &c.

Ah! Lilia, soberba Lilia,
Donde vem tanto rancor?
Tu bem viste, mas não lêste
O nome, &c.

Já não se via o teu nome,
Bando o levou roubador;
E ficou só desgraçado,
O nome, &c.

O teu nome que roubarão
A novo mel dá sabor
Sem o mixto d'amargura
Do nome do teu Pastor.

Por este preço quem não será Cativo.

CANTIGAS.

GRaças ao Ceo! Sou Cativo,
E he feliz meu Captiveiro;
Amor me comprou por preço,
Que vale mais que o dinheiro:

Huns olhos lindos
Cabello loiro
Corpo bem feito

Digão todos, todos digão
Senão vale mais que o oiro?

Vai a cubiçoza gente
Vender por oiro a vontade;
Mas eu dou por melhor preço
Minha cara liberdade:
Huns olhos, &c.

O lindissimo semblante
Ninguem vê da minha bella;
Que não offereça a Amor
Ser seu Escravo por ella:
Huns olhos, &c.

Eu não quero da Fortuna
Os bens, que em seu Cofre tem;
Que todos elles não valem
Ametade do meu bem:
Huns olhos, &c.

Q'importa o metal luzente,
Que tanto adóra a ambição?
Senão póde contentar
O meu terno coração:
Huns olhos, &c.

Com as riquezas de Amor
Não ponha a sorte a riqueza;
Que he maior que o da Fortuna
O poder da Natureza:
Huns olhos, &c.

Soldado de Amor.

CANTIGAS.

Sou Soldado, sentei Praça
Na gentil Trópa de Amor,
Jurei as suas Bandeiras,
Nunca serei Dezertor:

Eu sou Soldado,
Eu sirvo Amor,
Jurei Bandeiras,
Nunca serei dezertor.

De Cupido os Regimentos
Não tem Zabumba, ou Tambor;
Tem hum certo mover d'olhos,
Que chama muito melhor:
Eu sou &c.

Dos Amorozos perigos
Eu não tenho nunca horror;
Tenho valor de soffrelos,
Quanto mais, quanto melhor:
Eu sou, &c.

A fraqueza d'algum Chefe
Aos Soldados faz temor
Eu não tenho que temer-me;
Sirvo a hum Nume vencedor
Eu sou, &c.

Em quanto Amor bem me pague
Heide servir bem Amor
Elfina seja meu soldo
Nunca serei dezertor
Eu sou, &c.

Se do meu Augusto Chefe
Tenho honras, e favor
Eu devo fiel servi-lo
Seja o perigo qual for
Eu sou, &c.

Dezertem os mais embora
Quem tem coração traidor
Jurei fé, cumpro os meus votos
Nunca serei dezertor
Eu sou, &c.

Amar não he brinco.

CANTIGAS.

VOssê trata Amor em brinco
Amor o fará chorar
Veja lá com quem se mete
Que não he para zombar

ESTRIBILHO.

Ai Amor, Amor, Amor!
Vossês zombão com Amor
E não he para zombar.

O Amor he muito serio
Mui serio se hade tratar
São mui serios seus prazeres
Mui serio he seu pezar.

Aquelle que vive livre
E vai com Amor brincar
Vê nos pés, e vê nos pulsos
Os seus ferros apertar.

O Amor promette premios
Os premios começa a dar
Mas tudo o que trousse em rizos
Quer em lagrimas cobrar

Amor vem manso, mansinho
No coração habitar
E depois de estar de dentro
Quer só elle as regras dar

Amor quando entra no peito
Parece o vai consolar
Mas travesso em pouco tempo
Faz a gente palpitar

Com Amor nada de preças
Vamos muito de vagar
Porque como elle he criança
Se correr hade cançar.

Marcha depois da vinda do Rousilhon.

CO rrei ás Margem do Tejo
Generozos Portuguezes
As Armas, e os Arnezes
Dos vossos vereis brilhar

E vóz adoradas Ninfas
Ide as vestes enxugar
Vem burrifadas do Sangue
Que a honra fez derramar.

ESTREBILHÓ.

Hide ápreça que os Tambores
Já se escutão ressoar

Nos hombros do amigo rio
Os transporta a leve Barca
E do Heroe que a arêa marca
Vem a Onda o pé beijar

Não fez alheios costumes
Proprios costumes mudar
Se os vistes partir amigos
Amigos vedes tornar
Hide, &c.

Fieis aos antigos votos
São dignos d'altos louvores
A seus Augustos Senhores
Sabem servir, e calar

Se beijão a mão Augusta
Mão que os póde premiar
Sabendo merecer premios
Não precizão supplicar
Hide, &c.

Ficis á sua aliança
No prazer ou nos perigos
Aos Amigos são Amigos
Aos mais dão que recear

Tem só por seu lucro a honra
Sem mais pertender lucrar
São poucos que valem muito
Em muito se hão de estimar
Hide, &c.

As respeitaveis Bandeiras
Vereis ao ar desfraldando
Ellas mesmas vem mostrando
Quanto são de respeitar

Em toda a parte estimada
Gente brioza, e Guerreira
Em toda a parte a primeira
Affrontando a terra, e o mar
Hide, &c.

Vós que soffresteis por elles
A terna, e justa saudade
Que ou Amor, ou amizade
Ternos vos fez supportar

Dai-lhe os braços recebeios
E nos mais ternos affagos
O Ceo vos torna assim pago
Do que a sorte quiz roubar
Hide, &c.

Suspiros do coração.

CANTIGAS.

AMor ferio o meu peito
Com seu dourado farpão
Fsaírão pelas fendas
Suspiros do coração

Aos Ouvidos do meu Bem
Chegará minha afflicção,
Porque nas azas a levão
Suspiros, &c.

Devo ir sofrendo, e calando
A minha infeliz paixão,
E em segredo voar devem
Suspiros, &c.

Quando o respeito embaraça
A minha livre expressão
Servem-me então de linguajem
Suspiros, &c.

Ah meu bem, tu não reparas;
Porque não dás attenção,
A preça com que te buscão
Suspiros, &c.

Se teus olhos inquietos
Dizem sim, e dizem não,
Vão de perto percebelos
Suspiros, &c.

Se tu cuidas que eu te engano;
Põe sobre o meu peito a mão,
Verás como fervem dentro
Suspiros, &c.

Se as vozes que soltar quero
Vem embargar-me a razão,
Não importa; que me explicão
Suspiros, &c.

Venhão teus ais escondidos;
Que os meus escondidos vão,
E no caminho se encontrão
Suspiros, &c.

Vaj banhando hum meigo pranto
Meu duro ferreo grilhão,
Soprão mais a minha chama
Suspiros, &c.

Eu não posso acompanhar-te
Seguir-te não posso não,
Mas hirão onde tu fores
Suspiros, &c.

Amor tem para as auzencias
A'guma consolação,
Excita por desafogo
Suspiros, &c.

Para ter mutuas noticias
Não faltão correios não,
Serviráõ de portadores
Suspiros, &c.

O estrondo, o luto dos ares
Meu Bem não te assuste, não;
Turbão tudo, e estalão tanto
Suspiros, &c.

Se ao passear desses campos
Sentires ranger o chão,
He que a teus pés vão caindo
Suspiros, &c.

Já nas azas da saudade
Chega a morte, e estende a mão;
Já me espreme os derradeiros
Suspiros do coração.

Inda sou teu.

CANTIGAS.

DEsde o primeiro momento,
Em que viste o gesto meu;
Desde então me cativastes
Com que gosto inda sou teu!

Amor assim preparara
Este novo estado meu;
Quis-me escravo; terno escravo,
Desde então inda sou teu.

O teu Coração batia,
Batia tambem o meu;
Tu socegaste, e estás livre,
Eu inquieto inda sou teu.

Ah que foi mui frouxo o laço,
Com que o Amor te prendeo;
Foi mal seguro, fugis-te;
Segurou-me, inda sou teu.

Finjo diante dos outros,
Calo o triste estado meu;
Bem que pareça estar livre,
Sou escravo, inda sou teu.

Não, já não póde extinguir-se
Fogo, que amor acendeo;
Entre as cinzas abafado
Arde ainda, inda sou teu.

A teu meigo volver d'olhos
Amor tantas forças deo,
Que, desde que me prendêrão,
Sem soltar-me, inda sou teu.

Tanto o meu amor desfarço,
Que inda ninguem o entendeo;
Não o entendão muito embora
Não importa; inda sou teu.

Ah! meu bem, para mim vive,
Que para ti vivo eu;
Na presença, ou na distancia
Pódes crer-me, inda sou teu.

Do nosso destino a Urna
Traveço Amor revolveo;
Vio, que tu vives mudando,
E eu morrendo, inda sou teu.

Vamos, cruel, fazer contas
De teu amor, e do meu;
Eu pagando, não es minha;
Tu devendo, inda sou teu.

Se tu vires, que eu te falto,
Dize, Lereno morreo:
Mas sabendo, que inda vivo;
Saberás, que inda sou teu.

Huma nova escravidão
Se queres, te juro eu,
Repetindo antigos votos;
Aqui juro, inda sou teu.

Sobre a doce antiga chama;
Que nosso amor accendeo;
Jura, de quem es agora,
Vê jurar, que inda sou teu.

Ser teu sempre, ternamente
Amor mesmo o prescreveo;
Eu de amor as leis seguindo;
Só teu fui, inda sou teu.

A mim já me não pertenço;
Nem eu mesmo já sou meu;
Amor fez, que teu eu fosse;
Por amor inda sou teu.

He huma vida já nova
A vida, que amor me deo;
Fás ser tua a minha vida,
Eu o cumpro, inda sou teu.

Debaixo da fria Campa;
Existindo o corpo meu;
Em quanto o coração dure;
Alli mesmo inda sou teu.

PRIMAVERA.

JA' lá vem a Primavera,
Mostra o rosto animador;
Vem na sua companhia
O suave, e meigo Amor.

Já derrama sobre os campos
Brando orvalho criador;
E as campinas devastadas
Faz que anime hum novo amor.

Já dos ventos furiosos
Não soa o rouco estridor;
Os galernos lisongeiros,
Só inspirão paz, e amor.

Já das plantas nasce a planta
Já das flores nasce a flor;
Vão-se os campos animando
Por hum doce, e meigo amor.

Já d'entre os verdes raminhos
Ouço o implumado cantor;
Que entoa nos seus gorgeos
Alegres hymnos de amor.

Boya sobre as ondas mansas
O escamoso nadador,
E festeja leves pulos
Doces effeitos de amor.

Vejo o rebanho contente
Saltar em torno ao Pastor;
E nos seus meigos balidos
Estão explicando amor.

A' sombra deste alto freixo,
Que nos escuda ao calor
Elfina, formosa Elfina,
Vamos nós tratar de amor.

Vou consultar minha sorte
Nesta breve, e linda flor;
Bem me queres, mal me queres;
Ah! que não me tens amor.

Essa, que trazes no peito,
Talvez se explique melhor;
Era hum milindre, murchou-se.
Ah! que dura pouco amor.

Vou colher outras de acaso;
Bate o peito com temor;
Trago martyrios, saudades,
Tanto me destina amor.

Tenho nas flores má sorte;
Terei nas plantas melhor;
Colho a planta sensitiva
Tal eu sou por teu amor.

Elfina formosa Elfina,
Que tens que mudas de côr!
Ou feliz, ou desgraçado,
Eu te juro eterno amor.

Quando os Mortaes quer render.

CANTIGAS.

MInha Lilia, vê o mundo
A teus pés todo tremer;
Porque amor de ti se vale,
Quando os Mortaes quer render.

Nos teus olhos, lindos olhos,
Pos amor todo o poder,
São as armas de que elle usa
Quando &c.

Amor esconde os teus olhos;
Se nos quer entristecer,
E faz que elles appareção,
Quando, &c.

Deixa Amor o arco e settas
Este pezo mais não quer;
Os teus olhos só lhe bastão
Quando, &c.

Sinto já de froxo susto
O meu coração bater;
Movimento, que amor causa;
Quando, &c.

A' luz viva de teus olhos
Chama de amor sinto arder,
Vivo fogo, que elle accende
Quando, &c.

Promessas de Amor não creio;
Facil sempre em prometter;
Efaculta mil venturas
Quando, &c.

Ninguem Amor acredita;
Deu-se muito a conhecer;
Já se sabe como engana
Quando, &c.

Nega Lilia a Amor teus olhos;
E verás a Amor tremer:
Dos mortaes escarnecido,
Quando, &c.

A razão tem feito a muitos
Contra Amor endurecer;
Mas elle usa do teu pranto
Quando os mortaes quer render.

Amor sabido vai gualdido.

CAutela, Olhos, cautela;
Calai vossa inclinação;
Para que os mais não percebão
O que tem meu Coração:

Cuidado, Olhos, cuidado;
Porque o Amor percebido
Começa a ser maltratado.

Ha gente que nos vigia,
Por ver onde as vistas vão;
E por vós he que adevinhão
O que, &c.
Cuidado, &c.

Apenas se conhecer
Que tenho alguma paixão,
Começa a ralhar a Inveja
Do que, &c.
Cuidado, &c.

Não pôz nunca a Natureza
Ao sentir prohibição;
Porém o Mundo prohibe
O que, &c.
Cuidado, &c.

Se he minha a minha Vontade;
Posso sujeitalla, ou não;
A' mais gente que lhe importa
O que, &c.
Cuidado, &c.

Inda a mesma que adorais,
Por natural presumpção,
Hade enfadar-se em sabendo
O que, &c.

Cuidado, &c.

RAIVAS GOSTOSAS.

EU gosto muito de Armania,
Que he mui dengue, he mui mimosa;
Que meiga a todos agrada,
E até me agrada raivosa.

Vou enraivecer Armania,
Que tem raiva graciosa;
As mais vencem por ser meigas;
Ella vence até raivosa.

Gosto das suas raivinhas,
Que avivão a côr de Rosa;
Eu gósto de a ver córada,
Por isso a quero raivosa.

Eu com quatro palavrinhas
De idéa artificiosa,
Vou tiralla do seu serio,
Eu quero vêlla raivosa.

O seu terno Coração
Vigia múi caprichosa;
E, inda que elle queira amar,
Ella não quer de raivosa.

Tremei, Amores, tremei,
Tremei, turba presumpçosa;
Jurou a vossa ruina
Armania, que está raivosa.

Quer soffrer á sua custa
A raiva assim virtuosa;
Não hade amar, porém hade
Ser amada, assim raivosa.

ESTRIBILHO.

O Ceo taes graças lhe deo,
Que ainda raivosa he bella;
E se não que o diga eu,
Que gósto das raivas della.

AO MEU PENSAMENTO.

BAsta, Pensamento, basta;
Deixa-me em fim descançar;
Hum bem, que ser meu não póde,
He hum tormento lembrar.

ESTRIBILHO.

Basta, sim, basta,
Meu Pensamento:
Tu és agora
O meu tormento.

Que importa a minha ternura,
Minha fé, minha lealdade;
Tendo a terrivel mistura
Da minha infelicidade.
Basta, &c.

Idéas vans, não me finjas
Do valor de huma fé pura;
Que era melhor que eu tivesse
Menos amor, mais Ventura.
Basta, &c.

Provar da Sorte a mudança
Meu Pensamento bem quiz;
Mas a que muda nos outros
Sempre me quer infeliz.
Basta, &c.

Amor he gosto, e vontade,
Sempre se define assim;
Fez-me a Desgraça gostar
De quem não gosta de mim.
Basta, &c.

Basta, Pensamento ousado,
Vê que ninguem te desculpa;
E vê que de hum desgraçado
Inda hum pensamento he culpa.
Basta, &c.

Cada vez querer-te eu mais.

IMPROVISO.

TU gostas de meus suspiros,
E de ouvir meus tristes ais;
Gostas de ver-me, morrendo,
Cada vez querer-te eu mais.

Se em meus olhos reparares,
Has de ver de Amor sinais;
E verás, quando mais vires,
Cada, &c.

Entrei no Templo de Amor
Com poucos a mim iguais;
E foi todo o juramento,
Cada, &c.

Tu já déste a meus desejos
Cruentos golpes fatais;
E a esperança me fazia
Cada, &c.

Loucamente me fugias
Para perjuros rivais;
Vinhas delles, e me vias
Cada, &c.

No meio dos meus enfados,
Dos meus ciumes fatais,
Me viste, abrazado em zelos,
Cada, &c.

Quando tu pões nos meus olhos
Os teus olhos divinais,
Fazes com doce renovo
Cada, &c.

Protesto não mais querer-te,
Quero disto dar signais;
E o meu coração me manda
Cada, &c.

Se depois de vir a Morte
Podem amar os Mortais;
Nos Elisios será visto
Cada, &c.

Puros Votos eu jurei.

IMPROVISO.

ALmena, gentil Almena,
A quem a minha alma dei;
E por quem, de Amor nas Aras,
Puros Votos eu jurei.

Por teu Nome, doce Nome,
Sempre alegre eu chamarei;
Por elle mesmo jurando,
Puros, &c.

Já de Amor tinha fugido;
Por ti a elle tornei;
E supplicando piedade
Puros, &c.

Roguei-lhe novas cadêas,
E os novos ferros beijei;
Vós, e vista, e mãos alçando
Puros, &c.

Amor não queria ouvir-me,
Lembrado de que o deixei;
E lembrado de que nunca
Puros, &c.

Talvez queria punir-me
De alguns Votos, que eu quebrei,
Fraõ falsos, mas agora
Puros, &c.

Logo ao raiar deste dia
O terno Apolo invoquei;
E á luz de seus mesmos raios
Puros, &c.

Que por ti a Amor servia;
A Amor mesmo protestei;
Sendo-me o Ceo testemunha
Puros, &c.

Com vozes, que sahem da alma;
Pedaços da alma arranquei;
E assim, desfeito de amores;
Puros, &c.

Por ti, se for necessario;
A vida mesma eu darei;
Que de ser teu toda a vida
Puros, &c.

Vive, e bem que sejas de outro,
Sou teu, por ti morrerei;
Jurei-o, fiz os meus votos,
Puros, &c.

Viver só para te amar.

CANTIGAS.

VEnha a Morte muito embora
Meus frouxos dias cortar,
Que inda assim ha de a minha alma
Viver só para te amar.

A vida vale de pouco;
Eu pouco a sube estimar;
Quero viver por que quero,
Viver, &c.

Podéraõ teus lindos olhos
Meu gosto antigo trocar;
Gósto viver, porque gósto
Viver, &c.

Já suplico á cruel Morte
Queira meus dias poupar,
Que por mais tempo me deixe
Viver, &c.

Tu podes, se tu quizeres,
Os meus dias dilatar:
Ah meu Bem! faze que eu possa
Viver, &c.

Se eu morro, e por ti só morro,
Tu me podes animar:
Anima-me, que eu prometto
Viver, &c.

VIOLA DE LERENO,

Vol. I. *Num.* 4

Inda sou teu.

CANTIGAS.

DEsde os nossos Juramentos
Vê, meu bem, que succedeu;
Tu prometteste, e faltaste,
Eu jurei, e inda sou teu.

Chamaste o Ceo testemunha,
E foi testemunha o Ceo;
Elle vê, que já és de outro,
Elle vê que inda sou teu.

Pudeste quebrar os laços
Com que o Amor nos prendeu;
Da tua parte estás solta,
Mas da minha, inda sou teu.

Em fim a chamma apagaste,
Que hum vivo Amor accendeu;
Vejo que tu te esfriaste,
Vê que eu ardo, e inda sou teu.

Amor ouvio nossos votos,
Nossos votos recebeu;
Tu os quebras não és minha;
Eu os cumpro inda sou teu.

A teu voto, e a meu voto
Benigno Amor attendeu;
O teu foi ser minha, e faltas;
Eu não falto, inda sou teu.

O teu Coração mudou-se;
Mas não se mudou o meu;
Entra dentro, anda, vem vello;
Vê, cruel, que ainda sou teu.

Mal soou teu juramento,
Mesmo no ar se perdeu;
O meu inda se conserva,
Tu bem vês que inda sou teu.

Pudeste, ingrata, deixar-me,
Deixar-te não posso eu;
Tu mudaste, e foste de outro,
Eu não mudo, inda sou teu.

Tu foste minha por força;
Eu sou teu por gosto meu;
Falta a força, o gosto dura;
Tu és de outro, e inda sou teu.

Era teu gosto matar-me;
Mas Amor me defendeu;
E mesmo contra o teu gosto
Inda vivo, inda sou teu.

Sempre unidos nossos votos
Subirão da Terra ao Ceo;
O teu decipou-o o Vento,
O meu não, inda sou teu.

Roubaste-me o Coração,
Que trocáras pelo meu;
Não fica assim bem a troca,
Não és minha, e inda sou teu.

Teu me fizerão teus olhos
Com hum brando mover seu;
Ah! torna a olhar-me benigna,
Vê, meu bem, que inda sou teu.

Doença, e melhora de MARILIA.

CANTIGAS.

PAstores, que he isto;
Amor assustado,
E as Graças ao lado
Com susto tambem:
Que mal tem as Graças,
Amor que mal tem?

Do Deos dos Amantes
A meiga familia
Em torno a Marilia
Meus olhos lá vem.
Que he isto; que he isto?
Não sabe ninguem?

Doença atrevida,
Que esconde o seu passo,
Ergue o duro braço
Oh Ceos! contra quem?
Os olhos o vírão,
E ainda o não crem.

Turbou da Saude
A usada carreira;
E em varia maneira
Seu passo detem.
Amor, já sei donde
Teu susto provém.

Apressa, ó Virtude,
Ao Ceo dirigida,
Suplíca esta Vida
Mais Vida de alguem:
O bem que troxeres
Será nisso bem.

Embora huma vez
Pareça ferina
A sã Medicina,
Que as Parcas sustem,
Pois contra os seus ferros
Tem ferros tambem.

A veia se rasga,
O sangue já corre,
Marilia não morre,
Oh Ceos! inda bem:
Já dar-nos podemos
Geral parabem.

Batteu as Azas, voou.

CANTIGAS.

DOs Olhos de Ulina bella
O Deos de Amor me espreitou;
A hum volver de olhos ferio-me,
Batteu as azas, voou.

Tinha medo da Razão,
Que sempre me acompanhou;
Ferio-me, mas foi a medo,
Batteu, &c.

Já tinha tentado o golpe,
E nunca o golpe acertou;
Agora feito o seu tiro,
Batteu, &c.

Nas leves azas librado
De longe me vigiou;
Depois de haver-me rendido,
Batteu, &c.

A prender-me os pés, e os pulsos
Com os seus ferros tornou;
Depois de cingir-me os ferros
Batteu, &c.

Rio-se de ver-me captivo,
Dos seus estragos gostou;
E cantando o seu triunfo,
Batteu, &c.

Não contente inda com isto,
Escarneceo, e zombou;
Entre os meus tristes suspiros
Batteu, &c.

Lisonjeiras esperanças
Nas lindas mãos me mostrou;
Quando eu hia a segurallas
Batteu, &c.

Rio-se Amor do meu Engano,
E dos meus ais motejou,
Das minhas magoas zombando
Batteu, &c.

Que sempre me maltratasse
Muito a Ulina encomendou;
Decretando os meus tormentos
Bateu, &c.

A razão que me guiava
Contra elle em vão clamou;
Porque Amor sem attendella
Batteu, &c.

Inda assim a meus gemidos
Hum pouco Amor se inclinou;
E temendo condoer-se
Batteu as azas voou.

E que culpa tenho eu?

CANTIGAS.

Coração, pois tu quizeste
Amar por empenho teu;
Que morras, que vivas triste,
E que culpa tenho eu?
A' tua saudade
Não achas desculpa,
Que se tu a sofres
Tu só tens a culpa.

Coração não te lembraste
Do que já te succedeu?
Tornaste outra vez a amar,
E que, &c.

Esqueceo-te a antiga chamma,
Que baldadamente ardeu;
Tornas a chegar-te ao fogo,
E que, &c.

Das dores, das saudades
Não tinhas exemplo, e teu?
Quizeste outra vez sofrellas,
E que, &c.

Tu não sabías que Amor
Boa vida nunca deu?
Inda teimas em servillo,
E que, &c.

Sarcite com a razão,
Quando Amor te enlouqueceo;
Tornas á nova loucura,
E que culpa tenho eu?

HUM TERNO AMADOR.

CANTIGAS.

Escuta, Cupido,
Meus ais magoados,
Que vão desgraçados
Pedir-te favor.
Tem dó de hum afflicto;
Que triste assim morre;
Escuta, soccorre
Hum terno amador.

Vê como revoão
Meus ternos suspiros,
Que a longos retiros
Os faço transpor.

Nas palidas faces
O pranto já corre;
Escuta, soccorre
Hum terno amador.

Amor, vem salvar-me,
Das mãos da Ventura;
Que a minha ternura
Tem odio, e rancor.

Ouve hum desgraçado;
Que ati só recorre;
Escuta, soccorre
Hum terno amador.

Lereno não vive
Se tu não lhe acodes:
Ah! salva, que podes
A afflicto Pastor.

Mortal frio gêlo!
Nas veias discorre;
Escuta, soccorre
Hum terno amador.

CRIME GOSTOSO.

CANTIGAS.

QUem quizer saber se eu amo,
Repare em meus olhos bem;
Que elles não sabem calar
A paixão que o peito tem.

Inda bem ó meu cuidado,
Dizem que o amor he crime;
Eu gosto de ser culpado.

Jurei não amar, e eu amo,
Foi baldada a minha empreza;
Mas quem póde resistir
Aos encantos da belleza?
Inda, &c.

Jurei não amar, e eu amo,
Confesso a minha fraqueza;
Mas não he meu todo o crime;
He tambem da Natureza.
Inda, &c.

Talvez sem razão me culpa
Quem o meu amor crimina,
Póde ser que elle me inveje,
Quando vir que eu amo Elfina.
Inda, &c.

O que se gabar de livre;
Não zombe do estado meu,
Que se vir a minha Elfina
Será cativo como eu.
Inda, &c.

Se he hum crime o ser amante,
Bem criminoso sou eu;
Mas he tão gostoso o crime,
Que eu gosto bem de ser réo.
Inda, &c.

Não cuides formosa Elfina;
Que Eu ímpias lições te dicte,
Hum puro amor he virtude,
He crime amar de appetite.
Inda, &c.

Quem não souber o que são
Amor, saudades, e zelos,
Veja Elfina, e tudo fazem
Os seus lindos olhos bellos.
Inda, &c.

De adorar seus lindos olhos;
Alguem me chega a culpar;
Mas que venha hum dia vêllos,
E depois deixe de amar.
Inda, &c.

Gosto de amar, vou amando,
Que importa murmure a gente,
Se a gente que assim murmura,
Talvez não seja innocente!
Inda, &c.

Bem sei que não paga Elfina
Esta paixão que me estraga;
Mas hum amor que he só gosto;
Nem quer, nem precisa paga.
Inda, &c.

Não se cança a Natureza
Em criar cousas em vão,
E senão for para amar,
De que serve o coração.

Juramento de hum, e outro.

CANTIGAS.

SE huma doce simpathia
A amar nos vem obrigar,
Sigamos a Natureza
Pura fé vamos jurar.

Vão nossos votos
Já sobre o vento,
E amor recebe
Meu juramento
Teu juramento.

Demos ao mundo hum exemplo
De constancia singular,
Veja que ha gente que póde
Amar sem mais fim que amar.
Vão, &c.

Se a moda he variedade,
Vamos da moda zombar:
E amor, que a inconstancia offende,
Deve a constancia vingar.
Vão, &c.

A mania dos ciumes,
Nós devemos detestar
Na presença, na distancia,
Mutua fé vamos jurar.
Vão, &c.

TROPA DE AMOR,

Moda em huma Solfa de Player.

CANTIGAS.

A' Lerta Pastores
De amor inimigos,
Q' os justos castigos
Já vejo chegar.
Amor escoltado
De mil Cupidinhos
Nos campos visinhos
Já sinto marchar.

Os fogos terriveis
Já perto chamejão,
Já perto lampejão
Os ferros mortass.

Rebeldes Pastores,
Pagai-lhe o tributo,
Apressa, que escuto
Do ataque os sinaes.

De enganos volantes
A tropa ferina,
Primeiro a campina
Vem atalaiar.
Amor os armára
De ardentes desejos;
Com que malfazejos
Vem tudo assolar.

Fingida esperança;
Q' amor tem a soldo;
Erguendo aureo toldo
Vos vem enganar.
Alli quer brindar-vos
Com paz affectada,
E tem de emboscada
De enganos milhar.

Raivoso ciume
Lhe cobre a direita,
Tem leve suspeita
No esquerdo lugar.
Dispostos nos flancos
Vem duros cuidados,
Frenezins soldados
Máos de accommodar.

Debalde a razão
Valer-vos deseja,
Que sempre fraqueja
Nas guerras de Amor.
Será meu conselho
Render-se a partido,
Que oppôr-se a Cupido
Foi sempre o peior.

Dos tristes gemidos,
Que o ar vão rompendo,
Estou percebendo
Que Amor já venceo.

E vós presumidos
De livres, de bravos,
Já sois hoje escravos
Cativos como eu.

Amor que castiga
Rebeldes vontades,
Mandou que em saudades
Lereno imiteis.
Como elle vos cobe,
Ah tristes coitados,
Não ser nunca amados
Por muito que ameis.

Amar sem interesse.

CANTIGAS.

A Formosa Ulina he d'outro;
E minha não póde ser;
Assim mesmo a hei de amar,
Seja em fim de quem quizer.

Estribilho.

Hei de amar sem interesse;
Basta só ver que o merece,
Merece, merece.

Se eu a amar só sendo minha;
Pouco faço amando assim,
Que este amor, que então lhe mostro,
He mais por amor de mim.
Hei de, &c.

O tormento he todo meu,
E eu trato de o mitigar;
Bem que não póde ser minha,
Mesmo assim a quero amar.
Hei de, &c.

Huma belleza divina;
Não julgo crime adorar,
Se he crime he da Natureza,
E eu a não posso emendar.
Hei de, &c.

Sendo do meu Amor firme,
Tão firme a base em que o fundo;
Manda-me a Lei da razão,
Que eu o esconda a todo o mundo.
Hei de, &c.

Não mostro a minha paixão;
Que do mundo tenho medo,
O mundo ralha de tudo,
Quero guardar-lhe segredo.
Hei de, &c.

Jurou Ulina ser d'outro,
E d'outro Ulina ha de ser,
Se for perjura perdeo-se
Se o não for, que hei de eu fazer?
Hei de, &c.

Não quero que o mundo entenda
Minha mal paga paixão,
Só porque elle não me accuse,
O gosto de amar em vão.
Hei de, &c.

Não quero que Ulina saiba,
Que me fere, e me maltrata;
Só por poupar-lhe o desgosto,
De que deve ser-me ingrata.
Hei de, &c.

O meu amor sempre puro;
Nem aspira, nem se atreve,
A obrigar a quem adoro,
A fazer o que não deve.
Hei de, &c.

Temo as Leis escrupulosas;
Que o vaidoso mundo tem;
E não quero fazer mal,
A quem he todo o meu bem.
Hei de, &c.

Não hei de queixar-me nunca;
D'adorada formosura,
Faço a ella os meus louvores;
As queixas faço á ventura.
Hei de, &c.

Talvez que eu dê em amores
Huma prova singular;
Que he successo nunca visto,
Amar sem mais fim, que amar:
Hei de, &c.

Já mal posso respirar.

CANTIGAS.

Vem Ulina s'inda queres,
Os meus dias dilatar;
Que abafado de saudades
Já mal posso respirar.

De chamar em vão teu Nome,
Minha voz sinto cançar,
Nem chamar-te mais eu posso,
Já, &c.

Sinto a luz destes meus olhos
Pouco a pouco ir-se apagar,
O coração desfalece,
Já, &c.

Mil idéas pavorosas,
Minha mente vem turbar;
Entre sustos, e receios,
Já, &c.

Vem as horridas suspeitas;
Meu tormento accrescentar:
Pungem, ferem, e eu afflicto;
Já, &c.

Peza tanto na minh'alma;
O meu contínuo pezar,
Que se não me desafogas;
Já, &c.

Cuidados sobre cuidados,
Sinto em mim amontoar,
Já não tenho aonde caibão,
Já mal posso respirar.

VIOLA DE LERENO.

Vol. I. *Num 5.*

Cumprimento do voto.

CANTIGAS.

O Voto que eu fiz a Amor,
Não he hum Voto indiscreto,
Hei de cumprir o meu Voto;
Eu não falto ao que prometto.

Quando eu prometto ternuras,
Eu ternuras não affecto,
Prometi amar, eu amo,
Eu, &c.

Prometi senão mudasses
Não mudar de amor, e objecto,
Tu mudaste, eu mudei-me,
Eu, &c.

Teme embora o ser julgada;
Por Amor, que he Juiz recto,
Elle castiga quem falta;
Eu, &c.

Talvez me deixas por outro
Mais gentil, e mais discreto,
Eu igual causa não acho,
Eu, &c.

Do juramento o sentido
A saber não interpetro;
Prometi ser firme, e basta;
Eu não falto ao que prometto.

Diga o Mundo o que quizer.

CANTIGAS.

Resistir a huns olhos lindos;
Em que amor pôz seu poder;
Eu não posso, ou eu naõ quero;
Diga o Mundo o que quizer.

Pagar amor com amor,
He hum natural dever;
Quero pagar quem me ama;
Diga, &c.

Em quanto amar me quizeres;
Tambem te quero querer;
Dure entre nós a constancia;
Diga, &c.

O Mundo ralha de tudo,
Ora quer, ora não quer;
Mas eu vou sempre querendo;
Diga, &c.

Amar sem que ralhe o mundo,
Menina, não póde ser;
Mas isso o que importa, amemos,
Diga, &c.

Pobre do mundo, se acaso
O terno amor se perder;
Por amor he que elle existe,
Diga, &c.

Ralhão de vós os que amárão;
E chamão crime ao querer;
He crime de que gostárão,
Diga, &c.

Andar em bocas do mundo;
Só tu me pódes fazer;
Eu porém não me arrependo,
Diga, &c.

Teus olhos a amar me ensinão;
Os meus gostão de aprender;
A liçaõ continuemos,
Diga, &c.

Esta doce Lei de Amor
Recebi logo ao nascer;
Vou cumprindo a Lei, que he doce;
Diga, &c.

Coração não gostes della,
Que ella não gosta de ti.

CANTIGAS.

Coração, que tens com Lilia?
Desde que seus olhos vi,
Pulas, e bates no peito,
Tape tape, tipe ti:

Coração não gostes della;
Que ella não gosta de ti.

Quando anda, quando falla,
Quando chora, quando ri;
Coração, tu não socegas,
Tape tape, tipe ti:
Coração, &c.

Já te disse, que era d'outro;
Coração, não te menti;
Mas tu, coitado! te assustas,
Tape tape, tipe ti:
Coração, &c.

Aquelle modo risonho
Não he, nem foi para ti;
Basta, louco, e não estejas
Tape tape, tipe ti:
Coração, &c.

Hum dia que me affagava;
Zombava, eu bem percebi,
Era por gostar de ver-te
Tape tape, tipe ti.
Coração, &c.

Coração, tu não me enganes;
Todo o teu mal vem dalli;
Tu palpitando te explicas,
Tape tape, tipe ti:
Coração, &c.

He amavel, mas não ama;
Eu já mesmo to adverti;
E tu mui nescio teimando,
Tape tape, tipe ti;
Coração, &c.

Se tu leres nos seus olhos,
O que eu com meus olhos li;
Talvez te não cances tanto,
Tape tape, tipe ti:
Coração, &c.

O meu livre coração.

CANTIGAS.

JA' de todo abandonei
De amor a cruel paixão;
Tenho em socego no peito
O meu livre coração:

Mostro a todos em pedaços
O antigo, e duro grilhão;
Tenho em doce liberdade
O meu, &c.

Amor não torna a prender-me;
Que me defende a razão;
A razão he quem ampara
O meu, &c.

Ouço os gemidos dos outros,
Vejo d'outros a afflicção;
Tenho dó, mas tenho livre
O meu, &c.

Gosto da bella, que he bella;
Quer seja ingrata, quer não;
Das ingratas ri, e zomba
O meu, &c.

Escapei das mãos de Amor,
Dos seus golpes estou são;
Vivo livre, e em paz respira
O meu, &c.

A Illustre Amira.

CANTIGAS.

NA fresca Bellas
Ao som da lyra;
A Illustre Amira
Quero eu cantar:
Amira, Amira, Amira
Ouça o Ceo, a Terra, e o Mar.

Com ella as graças
Sempre passeião;
Sempre a rodeião
Se a vêm parar:
Amira, &c.

Vão ás virtudes
Dados os braços;
Guiando os paços
Que ella ha de dar:
Amira, &c.

Viçosos campos
De que he Senhora;
Lhe mandou Flora
Alcatifar:
Amira, &c.

Lindas boninas
Plantas viçosas;
Ficão vaidosas
De ella as pizar:
Amira, &c.

A mole relva
Que isto entapiza;
O pé que a piza
Gosta beijar:
Amira, &c.

Vejo dobrar-se
Troncos hirsutos;
Porque ella os frutos
Lhe vá tomar:
Amira, &c.

Freixos erguidos
A'coma estendem;
Tanto a defendem
De ao Sol crestar,
Amira, &c.

As Aves mesmo
Tal gosto inspira,
Que o nome Amira
Lhe ouço cantar:
Amira, &c.

Todos em honra
Da Natureza,
Sua belleza
Devem honrar:
Amira, &c.

A Armania.

CANTIGAS.

Dizei humanos
Se a Natureza,
Melhor belleza
Póde formar?
Armania linda;
Vinde louvar.

Notai a graça
Dos seus cabellos,
E os olhos bellos
Vêde raiar:
Armania, &c.

A còr das faces
He a da Aurora,
Que hum dia córa
Dá luz ao ar:
Armania, &c.

Das graças cofre
A boca linda,
Onde Amor inda
Se vai fartar:
Armania, &c.

Orfeo esqueça
Que com o seu canto,
As pedras tanto
Fez abalar:
Armania, &c.

Sahe de huma boca
Táo peregrina,
Voz mais Divina,
Voz singular:
Armania, &c.

Maravilhoso
He seu effeito,
Penetra o peito
Sem o rasgar:
Armania, &c.

Torna contente
Quem está triste,
Não lhe resiste
Nenhum pezar:
Armania, &c.

Os seus felizes
Preciosos dias,
Mil alegrias
Tem de nos dar:
Armania, &c.

Pois he a nossa
Felicidade,
A sua idade
Vamos cantar:
Armania, &c.

Lereno melancolico.

CANTIGAS.

PAstoras não me chameis
Para vossa companhia,
Que onde eu vou comigo levo
A mortal melancolia.

Coube-me por triste sorte
Eclipsada estrella impia,
Que em meus dias sempre influe
A mortal melancolia.

Logo ao dia de eu nascer
Nesse mesmo infausto dia,
Veio bafejar-me o berço
A mortal melancolia.

Por cima da infeliz choça
Gralha agoreira se ouvia,
Que a meus dias agourava,
A mortal melancolia.

No meu innocente rosto
Quem o notava bem via,
Q' em triste côr se marcava,
A mortal melancolia.

Que fiz eu á Natureza
A fortuna eu que faria,
Para inspirar-me tão cedo
A mortal melancolia!

De alegria ouço eu fallar
Não sei o que he alegria,
Nunca me deixou sabello
A mortal melancolia.

Se hum anno triste se acaba
Triste o outro principia;
Marca as horas, dias, mezes
A mortal melancolia.

Sou forçado a alegre canto;
Faço esforços de alegria,
E occulto no fundo d'alma
A mortal melancolia.

Enchugo o pranto nos olhos;
Obrigo a que a boca ria,
Para disfarçar comvosco
A mortal melancolia.

Não quero com meus pezares
Funestar a companhia;
Que he huma peste que lavra
A mortal melancolia.

Se os seus bens me mostra a sorte
Mostramos por zombaria;
Porque para mim só guarda
A mortal melancolia.

Sonhei que huma Augusta mão
Venturoso me fazia;
Foi sonho, e fica em verdade
A mortal melancolia.

Fui abranger as venturas
Que o sonho me offerecia;
E despertei abraçando
A mortal melancolia.

Se hum prazer se me dirige
Occulta força o desvia;
Só de mim se não separa
A mortal melancolia.

Ella me vai consumindo
De hora a hora, dia a dia;
Sinto-me ir desfalecendo
Da mortal melancolia.

O sangue vai-se gelando;
O coração se me esfria;
Fica em paz Armenia, eu morro
Da mortal melancolia.

Inda quando o frio corpo
Se envolver na terra fria;
Ha de corroer meus ossos
A mortal melancolia.

Se acaso dura a tristeza
Dos Numes na companhia;
Alli mesmo hei de ter na alma
A mortal melancolia.

Sobre a minha sepultura
Que escrevessem queria;
Hum Epitafio em triunfo
A mortal melancolia.

Lereno alegrou os outros,
E nunca teve alegria;
Viveo, e morreo nos braços
Da mortal melancolia.

Não se resiste a Amor.

CANTIGAS.

EMprehendeo Amor vencer-me
O meu livre coração,
E eu que tanto resistia
Resistir não pude não.

Estribilho.

Quem terá forças
Terá valor
Com que resistão
Ao Deos de Amor.
Não se resiste,
Ah! não, não, não.

Resistir ao Deos Cupido
He huma vã presumpção,
Eu mesmo que o presumia
Resistir não pude não:
Quem, &c.

Chamo a razão em soccorro,
Desampara-me a razão;
Da razão desamparado
Resistir não pude não:
Quem, &c.

Mais não me venceo Cupido
Co' as settas que traz na mão;
Mostrou-me huns olhos mui meigos
Resistir não pude não:
Quem, &c.

Vejo o Heróe que larga a Clava,
E toma o fuzo na mão;
A quem Hercules se déra
Resistir não pude não:
Quem, &c.

Vi Amor ferir a Jove,
Vi tremer delle Plutaõ;
Ao vencedor de altos Numes
Resistir não pude nãO.
Quem, &c.

Lisongeiras esperanças
Mostra amor na esquerda mão
Com seus premios seduzido
Resistir não pude não:
Quem, &c.

Clamor de Lereno.

A Serra de Cintra
Lereno trepava;
E a sua Corila
Vãmente chamava:
Corila, Corila
Vãmente chamava.

Descia dos montes,
Os Valles buscava;
E os gritos saudosos;
E os ais redobrava:
Corila, &c.

A voz de Lereno
C'os écos tornava;
Em vão que a Pastora
O não escutava:
Corila, &c.

O Zefyro brando
Q' alli suçurrava;
No mesmo suçurro
Lereno assustava:
Corila, &c.

A fonte vizinha
Q' então murmurava;
A voz de Corila
Se lhe assemelhava:
Corila, &c.

O triste Serrano
Em vão se cançava;
Perdia o seu tempo
Seus gritos baldava:
Corila, &c.

Quiz ver se a fortuna
Se lhe apiedava;
E a Deosa traveça
Mais delle zombava:
Corila, &c.

Tornava a subir,
A descer tornava;
Se infeliz subia,
Eu infeliz baixava:
Corila, &c.

A'lerta que Amor faz guerra.

CANTIGAS.

A'Lerta livres Pastores
Q' o Deos de Amor vos faz guerra;
E vos chama a desafio
Nos Campos de Salvaterra:
Nos lindos Campos
De Salvaterra
Anda Cupido
Fazendo guerra.

Já solta o Pendão aos ares
O traveço, o cégo Nume,
E traz por crueis divisas
A saudade, e o ciume:
Nos lindos, &c.

Marchão diante as suspeitas;
Que são a guarda avançada;
Que explorão todo o caminho
Sem darem quartel a nada:
Nos lindos, &c.

Vão os havidos desejos
Os Rufos amiudando;
Seguem a marcha os amores
Sempre as settas apontando:
Nos lindos, &c.

A quanto os Campos passeião
Deixão de morte feridos;
Sexo, qualidade, estado,
Não attendem os Cupidos:
Nos lindos, &c.

Vem Armania, a linda Armania
Q' arrasta troféos de gloria;
Prostão se a seus olhos todos;
He della toda a victoria:
Nos lindos, &c.

PARTIDA

Traducção, e Glosa da Partenza de

METASTAZIO.

CANTIGAS.

PArto ó Nize, e este adeos
Não sei se ultimo será;
Ah! quem sabe se Lereno
Inda a ver-te tornará.

Nize, ó Nize, adeos, adeos;
Teu Lereno parte já;
Quem lhe diz por piedade
S'inda a ver-te tornará.

O meu coração presago
Não sei que annúncio me dá;
Vai Lereno, mas quem sabe
S'inda a ver-te tornará.

Frio susto prende o sangue
Sem que o triste peito vá;
Teu Lereno desconfia
S'inda a ver-te tornará.

Ah! quem sabe se o ciume
Os meus dias turbará;
E se em braços de outro amante
Inda a ver-te tornará.

Ah! quem sabe linda Nize
Se a saudade o acabará;
Ou se a ella resistindo
Inda a ver-te tornará.

VIOLA DE LERENO.

Vol. I. *Num.* 6.

Sobre as Azas dos Amores.

GLOSA.

CANTIGAS DE IMPROVISO.

POis quereis, amigos Vates;
Escutar os meus clamores;
Reparai, como elles gyrão
Sobre as azas dos Amores.

Aproveito o privilegio
Dos Pindaricos Cantores;
Já começo a erguer-me ás nuvens
Sobre, &c.

Como a venenosa Sérpe
Se esconde entre as lindas flores;
Vôa o engano escondido
Sobre, &c.

Põe Lesbina os lindos olhos
Nos dos meus competidores,
E as desfeitas vem pungir-me
Sobre, &c.

Reparai na linda face
Como aviva, ou perde as cores,
Quando os remorsos a buscão
Sobre, &c.

Deixo em fim na baixa terra
Os receios, e os temores;
Vou soltar verdades ternas
Sobre, &c.

Lereno, que era o mais livre;
E o mais terno dos Pastores;
Vio fugir a liberdade
Sobre, &c.

Lesbina, a gentil Lesbina;
Dos olhos encantadores,
Fez voar vivos desejos
Sobre, &c.

Ah! que em torno aos olhos lindos;
Que não tem competidores,
Voava a meiga esperança
Sobre, &c.

De meus males esquecido,
E minhas antigas dores,
Os prazeres me cercavão
Sobre, &c.

Fugião meus dias tristes
Trazia o tempo os melhores
O tempo que só marchava
Sobre, &c.

Ai que meus Fados crueis;
Sempre meus perseguidores,
Fazem voar as desgraças
Sobre, &c.

Por meus suspiros ardentes;
Que levão meus dissabores;
Tornão frios desenganos
Sobre, &c.

Ah! de Amor não vos fieis
Os innocentes Pastores,
Q' ás vezes manda os ciumes
Sobre, &c.

Lesbina chamou-se minha;
Deo disto as provas melhores;
Seus votos aos Ceos subião
Sobre, &c.

Mas o Ceo que reconhece;
Que seus votos são traidores,
Póde mandar-lhe o castigo
Sobre, &c.

Onde hirás meu coração;
Se aonde quer que tu fores,
Acharás sempre a desgraça
Sobre, &c.

Dispara sim bella ingrata
Teus cruentos passadores,
Faze sahir a minha alma
Sobre, &c.

Venturosos meus suspiros,
Meus suspiros voadores,
Se encontrão esses que tornão
Sobre, &c.

Quando não vejo a teus olhos;
Teus olhos triunfadores,
O teu nome solto aos ares
Sobre, &c.

Vôa sobre as negras azas
Dos zelos devoradores,
Em quanto outros vão tranquillos
Sobre, &c.

E a traidora que assim zomba
De meus sentidos clamores,
Manda a outro os seus affagos
Sobre, &c.

Pastores, morreo Lereno,
O melhor dos amadores,
Amor o leva em triunfo
Sobre as azas dos Amores.

Ais.

CANTIGAS.

AMor, ai Amor eu morro;
Eu não posso viver mais;
Vão-me consumindo a vida
Os meus repetidos ais:
Amor basta, basta,
Não me firas mais;
Se meus ais desejas,
Aqui tens meus ais:

A minha ingrata despreza,
Da minha dor os sinais,
Meus ais lhe dizem que eu amo
Ella não ouve meus ais:
Amor, &c.

A minha paixão occulto
Com medo dos meus rivais;
E solto por desafogo
Medrosos aflictos ais:
Amor, &c.

Por mais que busco em seu rosto
Da compaixão os sinais;
Nem se turba, nem se inclina
Ao triste som dos meus ais:
Amor, &c.

Olhos crueis, porém lindos,
Que os meus olhos cativais;
Recebei o meu tributo,
O meu tributo são ais:
Amor, &c.

Quando por minha desdita,
Em outros vos empregais;
Corre dos meus triste pranto,
Voão do peito meus ais:
Amor, &c.

Se de ver-me padecer ;
Olhos crueis vós gostais ;
Unindo-me a vosso gosto,
Darei por gosto meus ais :
Amor, &c.

Ah! poupai-me, olhos crueis,
Que a minha vida gastais ;
Eu a sinto pouco a pouco
Desfazer-se nos meus ais:
Amor, &c.

Se por soberba crueis
Teimosos me maltratais ;
Póde amor ainda hum dia
Vingar desprezados ais:
Amor, &c.

Basta cruel, não me queixo ;
Não quero affligir-me mais ;
Hirei para muito longe
Esconder meus tristes ais:
Amor, &c.

A Tirqueia.

CANTIGAS.

QUando solta a voz suave
A lindissima Tirqueia;
Na miuda, e branca areia
Vejo o Rio espreguiçar-se;
Como quem quer demorar-se
Para a ver, para a escutar:
Tirqueia, Gentil Pastora;
Solta a vós doce, e canóra;
Se nos queres consolar.

Quando solta a voz suave
A lindissima Tirqueia;
Desasombra a noite feia;
E a triste ave, que gemia;
Cala os gritos de agonia,
Nem se escuta mais piar:
Tirqueia, &c.

Quando solta a voz suave
A lindissima Tirqueia;
Mudo o Zefiro passeia,
Entre as plantas, entre as flores,
Nem co' os vôos rugidores
Quer seu canto perturbar:
Tirqueia, &c.

Quando solta a voz suave
A lindissima Tirqueia
Lindo enxame alli zumbeia,
E no ar, que ella adoçára,
Bebe a essencia, que prepara
Para novo mel formar:
Tirqueia, &c.

Quando solta a voz suave
A lindissima Tirqueia,
Triste Nynfa, que vozeia
Dos cavados montes secos;
Torna alegres os seus écos,
Q' essa voz faz adoçar:
Tirqueia, &c.

Quando solta a voz suave
A lindissima Tirqueia,
Filomela não gorgeia,
Mas absorta em meigo pranto
Ouve muda o raro canto,
Que ao depois quer imitar:
Tirqueia, &c.

Quando solta a voz suave
A lindissima Tirqueia,
Terno Amor, que alli volteia,
Larga as settas, tanto usadas,
E co' as vozes delicadas
Vai o mundo sujeitar.
Tirqueia, &c.

Quando solta a voz suave
A lindissima Tirqueia,
Desce á nossa triste Aldêa
A suavissima alegria,
Que nas azas da harmonia
Vem a todos consolar:
Tirqueia, &c.

A minha amante paixão.

CANTIGAS.

HEi de offerecer a Amor
Minha humilde petição;
Esperando hum como pede
A minha amante paixão.

Hei de pedir-lhe que veja
A quem dei meu coração;
Q' em a vendo, logo approva
A minha amante paixão.

Nunca Amor vio iguais olhos
Rosto igual nunca vio não;
Nem verá paixão que iguale
A minha amante paixão.

Que os meus suspiros guiando
Lhe penetra o coração;
De modo, que a interneça
A minha amante paixão.

Mostre-lhe os vivos desejos
Que com meus suspiros vão;
E com minha saudade
A minha amante paixão.

O meu bem compadecida
Da minha terna afflicção;
Com igual paixão me pague
A minha amante paixão.

Aos que vão de Amor ao Templo
Serei exemplo, e lição;
Sirva aos outros de modelo,
A minha amante paixão.

Muitos amão com loucura;
Eu de amar tenho razão;
Que tem mil razões amaveis
A minha amante paixão.

Não terás nas tuas aras
Huma mais digna oblação;
Se unes á sua constancia
A minha amante paixão.

Coroa a minha fé pura,
Não deixes que eu ame em vão;
Que bem merece os teus premios
A minha amante paixão.

Em torno dos teus altares
Os meus Hymnos voárão;
Ternos Hymnos, que te envia
A minha amante paixão.

Por honra do teu poder
Não me desampares não,
Olha, Amor, que te acredita
A minha amante paixão.

Nada de saudades.

CANTIGAS.

A Mor, eu venho pedir-te
Hum favor por piedade;
Dá-me dos teus males todos,
Mas nunca me dês saudade.

Amor, eu viver não posso
Dividido em ametade;
Junto a meu bem soffro tudo
Mas nunca me dês saudade.

Amor, se provar quizeres
Minha fé, minha lealdade;
Dá-me suspeitas, ciumes,
Mas nunca me dês saudade.

Amor; dos teus males todos
Constante soffro a maldade;
Mas com saudades desmaio,
E nunca me dês saudade.

Amor, os olhos que eu amo
Tem de meus olhos piedade;
Se os não vejo não me acodem,
Ai! nunca me dão saudade.

Amor; ajustemos hoje;
Cumpre em mim tua vontade;
Mas não me negues ver Lilia;
E nunca me dês saudade.

Amor os teus males juntos;
São de huma ausencia metade;
Alli ha suspeitas, zelos,
Ah! nunca me dês saudade.

Amor, eu te sirvo a munto;
Sempre de boa vontade;
Não te fallo em pagamento;
Mas nunca me dês saudade.

E Então.

CANTIGAS.

ALzira formosa,
Desgraça foi ver-te,
Seguio-se o render-te
O meu coração.

Amor de render-me
Achou o motivo,
Eu já sou cativo,
Eu amo; e então?
Então?

Ao ver os teus olhos
Tão vivos, e bellos,
Eu tenho de vêllos
Maior ambição.

Por mais que eu os veja
Não farto á vontade;
Eu tenho saudade;
Eu amo; e então?
Então?

Se a outrem voltada
Tu fazes carinhos;
Ciumes daninhos
Ferindo-me estão:

Mais triste me sinto
Do que se presume;
Já tenho ciume;
Eu amo; e então?
Então?

A's vezes eu finjo
Os bens que eu mais quero;
Fingindo eu espero,
Que os bens chegaráõ.

Vendo a tempestade
Espero a bonança;
Já tenho esperança,
Eu amo: e então?
Então?

Eu sinto nesta alma
Huma cousa nova,
Não tinha inda prova
Da doce paixão.

Do que outros dizião
Eu provo a verdade,
Isto he novidade,
Eu amo: e então?
Então?

Apanhe para seu ensino.

CANTIGAS.

TEnho ainda hum coração;
Qual já não devêra ter;
Pois não querendo o que eu quero
Quer só tudo o que elle quer:

Hei de castigallo;
Ha de lhe doer;
Dar-lhei pancadas
Para a prender:

Apenas vê lindos rostos
Logo se lhe vai render;
Não quer o que a razão manda;
Quer só tudo o que elle quer:
Hei de; &c.

Vê as barbas do visinho,
Do ciume em fogo arder;
As suas não põem de molho,
Quer só tudo o que elle quer:
Hei de, &c.

Não quer, quando he necessario,
Occultar o seu prazer;
Diz nos olhos quanto sente,
Quer só tudo o que elle quer:
Hei de, &c.

Digo ás vezes que não ame,
Que não ha de amado ser;
O teimoso não me escuta,
Quer só tudo o que elle quer:
Hei de, &c.

Se he preciso contentar-se
Com metade do prazer;
Não o contentão metades,
Quer só tudo o que elle quer:
Hei de, &c.

Ha mil destes corações;
Diga o mundo o que disser;
Quem ama não quer conselhos;
Quer só tudo o que elle quer:
Hei de, &c.

Choro a minha desventura.

GLOSA.

CANTIGAS.

DO meu triste amargo pranto;
Quem razão saber procura,
Saiba, que sou desgraçado,
Choro, &c.

Desgraçado desde o berço
Serei té á sepultura;
Pois assim o quiz meu Fado;
Choro, &c.

A minha alma desgraçada,
Em vão socorros procura;
Ninguem póde socorrer-me,
Choro, &c.

Tenho, por maior desgraça,
Huma alma dada á ternura;
Serei infeliz amando,
Choro, &c.

Não posso esperar favor
Da adorada formosura;
Devo amar sem ser amado,
Choro, &c.

A que me jurou amar,
Por força ha de ser perjura;
Assim o quer o meu Fado,
Choro, &c.

Não posso lisongear-me
De esperar huma figura ;
Negão-me até a esperança ,
Choro, &c.

A torrente do meu pranto
Tem huma horrivel mistura ;
Entre saudades , e zelos,
Choro, &c.

Deve durar meu tormento,
Em quanto a vida me dura ;
Saibão que onde quer que eu viva ,
Choro, &c.

Queixas a Amor.

CANTIGAS.

VEnho Amor de ti queixar-me;
Ouve que eu tenho razão;
Principío por mostrar-te,
Qual eu tenho o coração.

Isto Amor não he bem feito
Não, não he bem feito, não.

As doçuras promettidas
Esperei, traidor, em vão;
Dize, se acaso estes golpes
As tuas doçuras são?

Isto, &c.

Minha doce liberdade
Puzeste em alheia mão;
E a preço de vãs promessas,
Cativaste o coração:
Isto, &c.

Onde estão os teus prazeres?
Dize, cruel, onde estão?
Sobre ciumes, saudades;
Astes vem, quando essas vão:
Isto, &c.

De prazeres assaltado
Não tenho socego, não;
E apenas vem, logo foge
A escaça consolação:
Isto, &c.

Fazes da cruel Ulina
Travêssa repartição;
Eu tenho as doces promessas;
Outro goza o coração:
Isto, &c.

Eu tão prezo, ella tão solta;
Ouve a minha petição:
Eu me une mais a Ulina,
Ou me quebra este grilhão:
Isto, &c.

VIOLA DE LERENO.

Vol. I. *Num.* 7.

Aonde está o meu bem.

CANTIGAS.

O Meu coração palpita
Continuos pulos me dá;
Elle pergunta inquieto
Aonde o meu bem está:
E onde está o meu bem!

Ao depois que eu não sei della
Tambem de mim não sei já;
Voa amor, e vai saber
Aonde o meu bem está:
E onde, etc.

O caminho que ella piza
Aspro caminho será ;
Vai amor espalhar flores
Aonde o meu bem está :
E onde, &c.

O Sol c'os ardentes raios
A terra alli queimará ;
Vai amor cobrir c'o as azas
Aonde meu bem está :
E onde, &c.

Pelas desertas campinas
O meu bem se assustará ;
Leva esta alma destemida
Aonde meu bem está :
E onde, &c.

De quem por ella suspira
Talvez não se lembrará ;
Leva amor os meus suspiros
Aonde meu bem está :
E onde, &c.

A triste Melancolia
Tristemente a seguirá;
Leva amor doces prazeres
Aonde meu bem está:
E onde, &c.

Que tempo estarei sem vêla!
Dize, amor, quanto será;
Traze o meu bem, ou me leva
Aonde o meu bem está:
E onde, &c.

Bemfica.

CANTIGAS.

Viçosa Bemfica,
Fez-te a natureza;
Abrigo á saude
Morada á belleza:

Não ha não ha
Terra mais rica;
Todos te invejão
Viçosa Bemfica.

As outras Aldêas
Já clamão raivosas;
Que tu lhes roubaste
As Ninfas formosas:

Não, &c.

Ellas te enriquecem
Quem te honra são ellas;
E todas te chamão
O Paiz das bellas:
Não, &c.

Já deixa Cythera,
E Pafos, e Gnido;
E faz em Bemfica
Morada Cupido:
Não, &c.

Pastoras, cautella;
Cautella Pastores,
Que está nestes campos
O Deos dos Amores:
Não, &c.

D'hum lado a outro lado
Traveço elle gyra;
Mas reina nos olhos
Da minha Belmira.
Não, &c.

Quando ella passeia
Passeia com ella,
Rendendo aos que encontra,
Que chegão a vêla:
Não, &c.

Dalli nos sujeita
A livre vontade;
E a preço de gostos
Compra a liberdade:
Não, &c.

Ferindo não poupa
Pastora, ou Pastor;
Ciume, e Esperança
São armas de Amor:
Não, &c.

Retinem contínuos
Os sons das cadêas
Por estas Aldêas
Que estão de redor:
Não, &c.

O Numem terrivel
Vaidoso se explica ;
Que funda em Bemfica
Seu Templo melhor:
Não, &c.

Mas esses despojos
Triunfo de amor,
Aos pés de Belmira
Sempre elle os vem pôr:
Não, &c.

Aos annos da linda Marcia.

CANTIGAS.

VInde Graças, vinde Amores
Cortejar a Marcia linda;
Amor chama, Amor vos brinda
A seus annos festejar.

Estribilho.
Nasceu Marcia linda Marcia
Seu nome vamos Cantar.

Traz os Rizos, e os Prazeres
Companheiros da alegria,
E a memoria deste dia
Quer cantando eternisar.
Estribilho, &c.

Não tem setas, não tem arco;
Nem aos hombros tem aljava;
Nem a gente, sua escrava
Quer gemidos escutar.
Estribilho, &c.

Tristes ais, suspiros tristes
Nos seus antros aferrolha;
Só de gostos nova escolha
Vem ao mundo hoje espalhar.
Estribilho, &c.

Não quer hoje ouvir Cupido
Tristes magoas rouco pranto;
E ensaiou hum novo canto
Para Marcia celebrar.
Estribilho, &c.

Dos seus olhos engraçados
Sempre vivos, sempre bellos;
Vãs suspeitas, duros zellos
Elle cuida de afastar.
Estribilho, &c.

Tem na sua luz suave
Lisonjeiras esperanças
Mostra a paz, mostra as bonanças
Para a terra, e para o mar.
Estribilho, &c.

Este dia, alegre dia
Deve ser por nós cantado;
Sempre assim por nós lembrado
Ha de o Téjo, e o mundo honrar.
Estribilho, &c.

Venturosos os Pastores
De quem Marcia he linda filha,
Se lhe coube isto em partilha
Não tem mais que desejar.
Estribilho, &c.

Guarde o Ceo seus bellos dias;
E vigie a sua idade,
Sem haver felicidade
Que precise supplicar.
Estribilho, &c.

Guarde amor sua alma bella
Para quem mereça tanto,
Que no laço justo, e santo
Hymineu a venha atar.
Estribilho, &c.

Dos viçosos tenros annos
Sopre amor fogo de idade,
E ajudado da amizade
Saiba os restos bafejar.
Estribilho, &c.

Assim como fai fai.

CANTIGAS.

HEi de amar-te se me amares;
Querer-te se me quizeres,
Deixar-te-hei se me deixares;
Farei o que tu fizeres.

Estribilho.

Farei farei... que hei de fazer?
Farei o que tu fizeres.

Se gostares dos mais homens
Gostarei das mais mulheres;
Hei de seguir o teu gosto,
Farei o que tu fizeres.

Estr. &c.

Se ternura não mostrares
Mais ternura não esperes,
Serei cruel se tu fores,
Farei o que tu fizeres.
Estr. &c.

Se os meus prazeres tu fazes
Eu farei os teus prazeres,
Se te enfadas, eu me enfado,
Farei o que tu fizeres.
Estr. &c.

Este amor he hum contrato;
Quero em quanto tu me queres;
Se me deixas tambem deixo,
Farei o que tu fizeres.
Estr. &c.

Mas, menina, eu serei firme
Se tu firme ser souberes,
Seguirei sempre os teus passos;
Farei o que tu fizeres.
Estr. &c.

Não se morre de saudade.

CANTIGAS.

OUvi Pastoras ouvi-me,
Que eu declaro huma verdade:
Os vossos amantes mentem,
Não se morre de saudade.

Estribilho.

Se de saudade alguem morrêra
Pobre Lereno já não vivêra.

He verdade que se vive
Dividido em ametade;
Mas vivendo meia vida,
Não se more de saudade.

Estr.

Dizem que a saudade mata
Pela sua crueldade;
Mas como a esperança anima,
Não se morre de saudade.

Estr.

Vive-se quasi morrendo,
Nem ha de viver vontade;
Mais quasi morto vivendo,
Não se morre de saudade.

Estr.

Ameaça á crua morte
Com muita variedade,
Vive-se sempre em perigo,
Não se more de saudade.

Estr.

Em contínuo sofrimento
Ha contínua raridade,
Vivendo em quem se deseja;
Não se morre de saudade.

Estr.

He por propria experiencia;
Que eu conheço esta verdade,
Se eu vivo sem ver Belmira,
Não se morre de saudade.

Estr.

Não tem mais que perguntar.

CANTIGAS.

QUem me ouvir a suspirar
Não me pergunte o porque;
Se o meu bem aqui não vê;
Não tem mais que perguntar.

Estribilho.

Ah! quem me ouvir a suspirar
Saiba qué eu amo,
Não tem mais que perguntar.

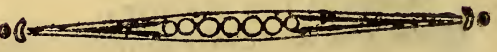
Quem acaso me encontrar
Caminhando ao meu retiro,
Oiça o nome que eu suspiro,
Não tem mais que perguntar.
Estribilho, &c.

Se alguem quer advinhar,
Quem meu coração governa,
Fixe a vista em Marcia terna,
Não tem mais que perguntar.
Estribilho, &c.

Se a Filomella parar
O seu suave reclamo,
He que canta, quem eu amo,
Não tem mais que perguntar.
Estribilho, &c.

Quem nossas Ninfas notar
Entre as bellas, a mais bella,
Não duvide, he ella, he ella,
Não tem mais que perguntar.
Estribilho, &c.

Quem me vir sempre afastar
Dos meus amigos Pastores,
He que busco os meus amores,
Não tem mais que perguntar.
Estribilho, &c.



Triste Lereno.

CANTIGAS.

TRiste Lereno
Perde o seu gado,
Soffre esta perda
Firme, e callado.

Estribilho.
Porém não póde
Soffrer, coitado!
O perder Lilia,
Seu bem amado.

Tem-lhe a seara
O Sol crestado,
E a nova perda
Vio sem enfado.
Porém, &c.

Ventos lhe arrancão
O olmo estimado,
Elle em soccego
O tem notado.
Porém, &c.

Quantas desgraças
Lhe manda o Fado;
Soffre sem nunca
Ter murmurado.
Porém, &c.

Era prudente,
Era callado,
Nem hum gemido
Tinha soltado.
Porém, &c.

Hóje com vozes
Sobresaltado,
Grita Lereno
Dezassizado.

Estribilho.
Porque não póde
Soffrer callado, &c.

Saibão os outros
Quem tem amado,
Elle o confessa,
Que he desgraçado.

Porque, &c.

Bosques, Searas,
Choupana, e Gado
Davão-lhe sempre,
Menos cuidado.

Porque, &c.

Póde hum menino
Cégo, e vendado,
O seu segredo
Tornar baldado?

Porque, &c.

Seja o exemplo
De hum desgraçado,
Lição aos outros
Do mesmo estado.
Porque, &c.

Toca a recolher para a Cidade, Bando de Amor.

CANTIGAS.

SEntido, ternos Amantes,
Ouvi os rufos de Amor;
Escutai seu novo bando,
Segui-o; he vosso senhor.

Estribilho.

Agora que os Campos perdem
Sua alegre amenidade,
Correi todos á Cidade,
Que alli se recolhe Amor.

Ajunta os ferros perdidos
Das desperdiçadas settas,
E faz das hastes vaquetas
Com que bate o seu tambor.

Estribilho.
Agora que os Campos perdem, &c.

Ferio brincando nos Campos
Doces feridas ligeiras,
Agora accende as fogueiras,
Que lhe aproveitem melhor.

Estribilho.
Agora que os Campos perdem, &c.

Entre a viva lavareda
Seu fogo occulto mistura,
Fogo, que inspira ternura
A' bella, e seu amador.

Estribilho.
Agora que os Campos perdem, &c.

He huma salva a belleza,
Quando nas brazas estoira,
A liza rebordã loira,
Que a seus pés se lhes vai pôr.

Estribilho.
Agora que os Campos perdem, &c.

Bacco espumante apparece
Ajudante de Cupido,
E alli nos tem prevenido
O seu magico licor.

Estribilho.
Agora que os Campos perdem, &c.

Com a devinal bebida
Faz voar rizos galantes,
E afugenta dos Amantes
O incomodo pudor.

Estribilho.
Agora que os Campos perdem, &c.

Vem travessas Contradanças,
Precedidas d'alegria,
Zombar da Estação, que fria
A' Campina faz horror.

Estribilho.
Agora que os Campos perdem, &c

Suas voltas estudadas,
Quando alli vos baralhais;
Vos aperta muito mais
Em cadeias só de Amor.

Estribilho.
Agora que os Campos perdem, &c

Não sintais perder por ora
Bosque ameno, e callador,
Vinde ao tempo accomodar-vos,
Que isto foi sempre o melhor.

Estribilho.
Agora que os Campos perdem, &c.

MOTE.

Não há remedio senão morrer.

Gloza improvizo.

EU venho achar os pezares,
Onde os mais achão prazer;
Amor que dá vida a todos,
Só a mim me faz morrer.

Estribilho.

Amor, que póde
Não quer valer,
Não há remedio
Senão morrer.

Mostrou-me os olhos de Lilia,
Fez-me o lindo rosto ver;
Bebi nesta vista a morte,
Morro porque Amor o quer.

Estribilho.
Amor que póde, &c.

Ao volver dos olhos bellos,
Sinto o coração bater;
São mortaes ancias que eu sinto,
Eu já me sinto morrer.

Estribilho.
Amor que póde, &c.

Tyranna, mata com magoas,
Meiga, mata com prazer;
Morro de amores por ella,
Até gosto de morrer.

Estribilho.
Amor que póde, &c.

Só temo na minha morte
O desgosto de a perder;
Fique-lhe ao menos minha alma,
Q'alma não póde morrer.

Estribilho.
Amor que póde, &c.

Se com desgostos me mata,
Com gosto faz reviver,
Por não perder este gosto,
Gosto mesmo de morrer.

Estribilho.
Amor que póde, &c.

Zombem os livres mortaes
Do meu triste padecer;
Que eu não troco a sua vida
Por tão gostoso morrer.

Estribilho.
Amor que póde, &c.

Ah! Lilia formosa Lilia,
Cumpra-se em mim teu prazer;
Se queres matar-me, mata-me,
Que eu por ti quero morrer.

Estribilho.
Amor que póde, &c.

Amor que póde, me quiz valer.

CANTIGAS.

A Teus olhos, lindos olhos,
Eu me sinto reviver,
Elles me dão vida nova
Se me fizerão morrer.

Estribilho.
Amor que póde,
Me quiz valer,
Já não sou morto,
Torno a viver.

Meu coração já quieto
Torna de novo a bater,
Tinha de todo esfriado,
Sinto de novo aquecer.

Estribilho.
Amor que pode, &c.

A' luz viva dos teus olhos
Se aviva antigo prazer;
Vejo fugir a saudade,
Que me fez arefecer.

Estribilho.
Amor que pode, &c.

As murchas flores do campo
Já vejo reverdecer,
Dão-lhe outra vida teus olhos,
Que a mim me fazem viver.

Estribilho.
Amor, &c.

Hum Amante morre, e vive
Como o piedoso Amor quer;
Quiz-me morto, morri logo;
Quer-me vivo, eu vou viver.

Estribilho.
Amor, &c.

Esta vida he de teus olhos,
De teus olhos devo eu ser;
Em quanto elles me affagarem,
Eu já não devo morrer.

Estribilho.
Amor, &c.

Não tornes mais a matar-me,
Deixa o teu cruel prazer,
Porque duas vezes morto
Não poderei reviver.

Estribilho.
Amor, &c.

He para ti minha vida;
Em quanto eu vida tiver;
Náo queiras que a vida eu perca;
Que tambem vens a perder.

Estribilho.
Amor, &c.

Este milagre de Amor
Deixa em mim aparecer;
He prodigio, que te honra,
Tambem mostra o teu poder.

Estribilho.
Amor, &c.

Talvez não entendão outros,
O que me ouvirem dizer;
He linguagem da minha alma,
Que tu só deves saber.

Estribilho.
Amor, &c.

Ajusta ser sempre minha,
Que eu sempre teu hei de ser;
Une a tua á minha vida,
Custe dobrado o morrer.

Estribilho.
Amor, &c.

Mas, meu bem, haja silencio,
Não possa alguem perceber,
Que até faz inveja aos outros
Ver-me por ti reviver.

Estribilho.
Amor, &c.

A. B. C. de Amor.

HUma Menina
Quer, que eu lhe dê
Lições de Amores
Por A. B. C.

A. -- He amante,
Não ardilosa:
B. -- He benigna,
Não boliçosa:
C. -- He constante,
Não curiosa:
Tome, Menina,
Lição gostosa.

Huma, &c.

D. -- Delicada,
Não desdenhosa:
E. -- Engraçada,
Não enganosa:
F. -- Fiel,
Não furiosa.
Tome, Menina,
Lição gostosa.

Huma, &c.

G. -- He galante,
Mas não golosa:
I. -- He ser justa,
Não invejosa:
L. -- Leal,
Não lacrimosa.
Tome, Menina,
Lição gostosa.

Huma, &c.

M. -- He ser meiga,
Não mentirosa:
N. -- Andar nedia,
Não nojosa:
O. -- Obediente,
Nunca orgulhosa.
Tome, Menina,
Lição gostosa.

Huma, &c.

P. -- He prudente,
Não perguiçosa:
Q. -- He quieta,
Nada queixosa:
R. -- Rizonha,
Não rigorosa,
Tome, Menina,
Lição gostosa.

Huma, &c.

S. -- He sincera ,
Não suspeitosa:
T. -- He ser terna
Nunca teimosa:
V. -- Verdadeira ,
Nada vaidosa:
Tome , Menina ,
Lição gostosa.

Huma , &c.

X. -- Xocarreira ,
Pouco xorosa :
Z. -- Zombadeira
Pouco zelosa :
Tome , Menina ,
Lição gostosa.

Huma , &c.

Depois d'as Letras
Bem decorar,
Quer, que eu lh'ensine
A soletrar?
Tome sentido
Vá de vagar
A, m, a, r,
Soletre *amar.*

Quero ensinala
Tim por tim tim;
E lições dar-lhe
Até ao fim:
Olhe, Menina,
Bem para mim,
S, i, m,
Diga-me *sim.*

Mas se lhe falla
Hum maganão;
Então he outra
Nova lição:
A mão levante
Dê bofetão;
N, a, õ,
Diga-lhe *naõ.*

Ter amor não he deffeito.

CANTIGAS.

DEsafoga pelas vozes
A paixão, que opprime o peito,
Não te envergonhe a verdade,
Ter amor não he deffeito.

Acceita de amor cadeias,
Do modo que eu as acceito,
Os ferros de amor dão honra,
Ter amor não he deffeito.

Com amor não ha fugir-lhe,
Nem por força, nem por geito,
Que importa amar, e servilo?
Ter amor não he deffeito.

He Gloria amar bum semblante,
Tão gentil, e tão perfeito;
Se he sem deffeito o motivo,
Ter amor não he deffeito.

Belisa, gentil Belisa,
Eu te adoro, eu te respeito,
Não me castigues por isso
Ter amor não he deffeito.

Em contemplar os teus olhos
O dia, e noite approveito,
Contemplar he acção d'alma,
Ter amor não he deffeito.

Eu acordo em ti cuidando,
Em ti cuidando me deito,
Não he deffeito o cuidado,
Ter amor não he deffeito.

Aos homens a natureza,
Impôz de amor o preceito,
O deffeito está no modo,
Ter amor não he deffeito.

Declaração de Lereno.

QUeres, que eu diga,
Chara, o meu nome
Chara inimiga,
Eu to direi.

Eu sou Lereno
De baixo estado,
Chossa nem gado
Dar poderei.

Mas se tu queres
Melhor morada,
Vem, minha amada,
Que eu ta darei.

Entra em minha alma,
Entra em segredo,
Contente, e ledo
Te adorarei.

Moda das Caldas.

AI de mim, que estou perdido,
De mim mesmo, tenho horror;
Curei o meu mal antigo,
Porém temo hum mal maior.

Que sinto nas aguas?
Tão grande calor!
He que Amor he fogo,
E aqui vive Amor.

Sinto dentro do meu peito
Hum motim perturbador,
Sem saber o seu motivo
Cada vez se faz maior.

Que sinto, &c.

Vai lavrando veia em veia
Hum fogo devorador,
Nunca ergue viva chamma,
Mas consome em seu calor.

Que sinto, &c.

De hum mal que eu não conheço,
Huma dôr que não he dôr,
Os signaes não são de morte
Seu effeito ind' he peior.

Que sinto, &c.

He hum certo frenezi
Seja o motivo qual fôr,
Que me faz perder o ciso,
E a razão me faz transpôr.

Que sinto, &c.

Faz, que o gosto de Marilia
Com poder encantador,
Me torne de hum homem livre
Seu Escravo Adulador.

Que sinto, &c.

Agora já sei por próva,
O de que eu fui zombador,
Já sei que Amor póde muito,
O meu mal he todo Amor.

Que sinto, &c.

Amor Generoso.

CANTIGAS.

SE mais venturosa,
Meu bem, chego a ver-te,
O mal de perder-te
Se torna em hum bem.
A Amor agradeço
Que assim te procura
Em outro a ventura
Que em mim não a tem.

O mal de perder-te
Se torna em hum bem.

Talvez me não ache
Amor companheiro,
Serei o primeiro
Que saiba amar bem.
Os outros só querem
Do seu bem a posse,
Eu acho mais doce
O bem do meu bem.

O mal, &c.

Comtigo vaidoso
De Amor vou ao Templo,
Servir de hum exemplo
Que o mundo não tem.
Abraço sem raiva
Meu proprio rival,
E estimo o meu mal
Porque he o teu bem.

O mal, &c.

Não sigo dos zelos
A triste loucura,
E he tua ventura
A que me convem.
He minha paixão
Mais justa, e mais forte,
Que faz tua sorte
A minha tambem.

O mal, &c.

Mas leva a minh'alma,
Não ma restituas,
Pois qu'inda a possuas
Assim nos convem.
Não só porque o gosto
Tem de acompanhar-te,
Mas para insinar-te
A amares mais bem.

O mal, &c.

Outras a mesma solfa.

CANTIGAS.

SE ainda não sabes,
Meu bem, que és meu bem,
Pergunta aos teus olhos,
O que nos meus vem.
Eu guardo segredo
Segredo convem,
Dorila, o que eu sinto
Não digo a ninguem.

Ah! sabe Dorila
Que és todo o meu bem.

Razão e respeito
A voz me sustem,
E os ais receosos
Vão mudos, e vem.
Mas pódem teus olhos,
Que a elles convem,
Nos meus achar quanto
Meu coração tem.

Ah! &c.

Os ternos Amores
Meu pranto escutando,
Em torno voando
Aqui se detem.
E os ais, que se quebrão
Nestes troncos secos,
Os levão aos eccos,
Que os tornão tambem.

Ah! &c.

Guerra de Amor.

CANTIGAS.

ÁS Armas, Amor,
Amor, haja guerra,
Que já do teu nome
Se zomba na terra.

E se já tens gasto
Os teus passadores,
Elfina te empreste
Olhos vencedores.

Não haja mais livre
Hum só coração,
Vai banir do mundo
A fria izenção.

E se já, &c.

Do sangue dos Impios
O chão seja tinto,
E sintão os outros
O mesmo que eu sinto.

E se, &c.

Os que blasfemárão
Q'expiem seus erros,
Humildes rojando
Os teus duros ferros.

E se, &c.

Ressoem seus ais
Nas concavas grutas;
Nem tenhão rebeldes
As faces enchutas.

E se, &c.

Seus pés, e seus pulsos
Teus laços enleiem,
E as frias entranhas
Por ti se afogueiem.

E se, &c.

Confessem sentindo
Arder o teu lume,
Que devem guardar-te
Respeitos de Nume.

E se, &c.

Pois zombão de ver-me
Escravo de Elfina,
Povôa de Escravos
A vasta campina.

E se, &c.

Não haja Pastora,
Não haja Pastor,
Que zombe hum momento
Do nome de Amor.

E se, &c.

De Elfina o triunfo
De Amor gloria seja,
E huns morrão de amores,
E outros de inveja.

E se, &c.

Não o saiba ninguem mais.

CANTIGAS.

Lindos olhos engraçados,
Que a ter amor me ensinais,
Isto, que de vós aprendo,
Não o saiba ninguem mais.

Lindos olhos engraçados,
Se eu vos vejo entre rivaes,
O ciume que então sinto,
Não o saiba ninguem mais.

Lindos olhos engraçados,
Que os meus olhos captivais,
Este novo captiveiro
Não o saiba ninguem mais.

Lindos olhos engraçados,
Quando vós me desprezais,
Vou calando, o mal que sinto,
Não o saiba ninguem mais.

Lindos olhos engraçados,
Que ciume a outros dais,
Basta que me contenteis,
Não o saiba ninguem mais.

Lindos olhos engraçados,
Lindos olhos devinaes,
Sabei só que eu vos adoro,
Não o saiba ninguem mais.

Lindos olhos engraçados,
Sois vós só quem me matais,
Morrerei, mas em segredo,
Não o saiba ninguem mais.

Lindos olhos engraçados
Muitas vezes me assustais,
Mas a causa do meu susto
Não a saiba ninguem mais.

Retrato da minha linda Pastora.

VErdes campos, fonte fria,
Fundo valle, altos rochedos,
De quem amantes segredos
Lereno afflicto confia.

Troncos duros, e frondosos,
Tenras plantas, e florentes,
Vêde as lagrimas pendentes
D'uns tristes olhos saudosos.

Vós nodosas carvalheiras,
Murtas desta densa mata,
Que no mal que me maltrata
Tendes sido companheiras.

Se algum dia conhecesseis
A minha linda Pastora,
Da minha saudade agora
Talvez vos compadecesseis.

Lá no valle que ella habita,
Que he daqui muito distante,
Não ha outra mais galante,
Mais discreta, e mais bonita.

Seus cabellos enlaçados
Nos lindissimos listões,
Tem prezo mais corações,
Do que fios tem atados.

São seus olhos matadores,
Depois da testa engraçada,
A belissima morada
Das graças, e dos Amores.

Engraçada côr morena,
Tem redonda a face bella;
Não ha bocca como aquella,
Nem melhor, nem mais pequena.

Mostra em riso moderado
Bellos, lizos, e alvos dentes,
De que as frechas são que as Gentes
Vem vibrar o Deos vendado.

Da lindissima garganta
Columna qu'isto segura,
Sahe a vós suave, e pura,
Que recreia, e que m'encanta.

No seu seio, que o pudor
Encobre sempre excessivo,
Eu bem vejo cheio o archivo
Dos mimosos bens de Amor.

Dos fornidos hombros pendem
Lizos braços torneados,
Onde os meus ternos cuidados
Achar seu premio pertendem.

São as mãos tambem morenas
As que á graça augmento dão;
As validas de Amor são,
Podem tanto tão pequenas.

A cintura delicada
Põe mil graças em aperto,
E o amante mais experto
Pára alli, não vê mais nada.

Se ella deve ser julgada
Só pelo que se deviza,
O que mostra a guardapiza
Pouco he, ou quasi nada.

São huns pés á proporção
Do seu corpo delicado,
Que não tem inda provado
De Amor o duro grilhão.

Tal he essa, que retrata
Meu amor, que ver desejo;
Do melhor valle do Téjo
A mais bella, a mais ingrata.

Chorando intento fazela
Compassiva á minha magoa,
Dura a pedra he, e a agua
Chega hum dia a amolecela.

Adeoses a Livia.

OUvi, ó campos
Ouvi, ó Ceos
Quanto me custa
Dizer Adeos.
Eu vou-me, eu parto
Dizendo Adeos.

Bosques, que ouvisteis
Segredos meus,
De vós me aparto,
Adeos, Adeos.
Eu, &c.

Os meus gemidos
Subão aos Ceos,
Oição os Núnes
Meu terno Ádeos.
Eu, &c.

Rottos do pejo
Os densos véos,
Mostro o meu pranto
Dizendo Adeos.
Eu, &c.

Olhos senhores
Dos olhos meus,
Vede que eu triste
Vos digo Adeos.
Eu, &c.

Molha a saudade
Os olhos meus,
Em quanto a bocca
Repete Adeos.
Eu, &c.

Cortão soluços
Os gritos meus,
E sahe partido
Meu triste Adeos.
Eu, &c.

Ajunta Livia
Clamores seus,
E sahe d'entre ambos
Hum terno Adeos.
Eu, &c.

Custa a ver triste
Os olhos seus,
E a bocca linda
Dizendo Adeos.
Eu, &c.

Bosque amoroso,
Nos troncos teus
Fique o meu nome,
E o meu Adeos.
Eu, &c.

A triste Ecco
Nos gritos seus
Repita sempre,
Adeos, Adeos.
Eu, &c.

Lembro Lereno,
E estes ais seus,
Que triste solta
Dizendo Adeos.
Eu, &c.

São derradeiros
Suspiros meus,
Basta, não posso
Dizer Adeos.
Eu vou-me, eu parto,
Adeos, Adeos!

INDICE

DAS CANTIGAS DESTE PRIMEIRO VOLUME.

NUMERO I.

AO nome da Senhora Condeça de Pombeiro. Cantigas. pag. 3
Moda de Tirce 6
Teu juramento 9
Bem fica 11
Recado 13
A dôr do meu coração 16
Quem dá o que tem 18
A' doce União de Amor 20
Vou morrendo de vagar 24
Minuete 27
Nada de dúvidas 28
A' Madrugada 31

NUMERO II.

Perdi a Alegria 1
A huns lindos olhos 4
Ao Som da Lyra a chorar 5
Serei triste até morrer 9
Zabumba 13
O Nome de teu Pastor 20

Por este preço quem não será Captivo 22
Soldado de Amor 24
Amar não he brinco 27
Marcha depois da vinda do Rousi-
lhon 29

NUMERO III.

Suspiros do coração 1
Inda sou teu 5
Primavera 10
Quando os mortaes quer render . . 14
Amor sabido vai gualdido 17
Raivas gostosas 19
Ao meu pensamento 21
Cada vez querer-te eu mais 24
Puros Votos eu jurei 27
Viver só para te amar 30

NUMERO IV.

Inda sou teu 1
Doença, e melhora de Marilia . . 5
Bateo as Azas, e voou 8
E que culpa tenho eu 12
Hum terno Amador 14
Crime gostoso 16
Juramento de hum, e outro . . . 20
Tropa de Amor: Moda em
huma Solfa de Player 22

Amar sem interesse 26
Já mal posso respirar 30

NUMERO V.

Cumprimento do voto. 1
Diga o Mundo o que quizer . . . 3
Coração não gostes della
Que ella não gosta de ti 6
O meu livre coração 9
A illustre Amira 11
A Armania 14
Lereno melancolico 17
Não se resiste a Amor 23
Clamor de Lereno. 25
A' lerta que Amor faz guerra . . 28
Partida: Traducção, e Glosa
da Partenza de Metastasio . . . 30

NUMERO VI.

Sobre as Azas dos Amores 1
Ais 8
A Tirqueia 11
A minha amante paixão 15
Nada de saudades 19
E Então. 22
Apanhe para seu ensino 25
Choro a minha desventura 27
Queixas a Amor 30

98-1

NUMERO VII.

Aonde está o meu bem 1
Bemfica 4
Aos annos da linda Marcia . . . 8
Assim como fai fai 12
Não se morre de saudade 14
Não tem mais que perguntar . . . 16
Triste Lereno 18
Toca a recolher para a Cidade, Bando de Amor 21
Não ha remedio senão morrer . . . 25
Amor que póde, me quiz valer . . 28

NUMERO VIII.

A. B. C. de Amor 1
Ter amor não he defeito 6
Declaração de Lereno 9
Moda das Caldas 10
Amor generoso 13
Outras á mesma solfa 16
Guerra de Amor 18
Não o saiba ninguem mais 22
Retrato da minha linda Pastora . . 24
Adeoses a Livia 29

Both vols. CC (BORBA I, 73-74)
DD 6/18/86